

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologia da Informação.

Política Linguística na televisão: o caso “Bom dia Angola”

Astrigildo Adail Pedro Sumbo

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação.

Orientador:

Professor Doutor Emanuel Chaves Pimenta Cabral Cameira, Professor Auxiliar Convidado

Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientador:

Mestre Miguel Ângelo Sousa Crespo, Investigador Assistente

CIES - Instituto Universitário de Lisboa.

Julho, 2019

Julho, 2019

À memória de meu pai, Ernesto Sumbo.

Integridade, lealdade, persistência e cultivar-se no ensino e aprendizagem são lições indelévels que de ti recebi e que todos os dias funcionam como uma injeção de carga motivacional. Por tudo isso, o meu muito obrigado.

Agradecimentos

Foram dois anos com os mesmos dias, semanas e meses do calendário gregoriano, porém com pessoas e ambientes comunitários diferentes. Chegado ao fim, saio daqui com uma única certeza: serão dois anos para sempre lembrar!

E, neste fim de jornada, escrevo de coração aberto a todos aqueles que muito fizeram por mim: aos meus orientadores Professor Doutor Emanuel Cameira e Mestre Miguel Crespo, pelas extensas horas que dedicaram a este meu projeto de vida, tecendo incansáveis sugestões e recomendações para a melhoria do trabalho. À Professora Doutora Rita Espanha, pela indicação acertada dos meus orientadores. À Professora Doutora Raquel Matias, pelos esclarecimentos sobre o plurilinguismo. À Doutora Joana Azevedo, pelo redirecionamento acertado da presente pesquisa. À minha mãe, Catarina Pedro... será sempre mais fácil descrever o percurso de um pássaro no ar do que o amor que sinto por ti: Amo-te! Aos meus irmãos, em quem tenho imenso orgulho, pelo exemplo de luta, fé e persistência. À Vilmária Bispo dos Santos, companheira e amiga, parteira do meu equilíbrio emocional, pelo carinho, troca de incentivos, partilha, críticas e sugestões. Ao meu “irmão de outra mãe”, Araújo dos Anjos, pelas infinitas horas de luz, fraternidade e conversas vãs, porém necessárias, para restabelecer o equilíbrio psico-emocional. Ao meu “irmão branco”, Luis Faria Panta, para quem um “obrigado” apenas não basta, gratidão eterna. A todos os professores, colegas e amigos com quem me cruzei nesta jornada, o meu muito obrigado!

Resumo

A diversidade de línguas faladas em Angola e a sua representação no *medium* televisão é o principal motivador deste trabalho. Assim, o presente texto gira em torno das políticas linguísticas na televisão e partiu da hipótese de que o programa de informação “Bom Dia Angola” é um reflexo das políticas linguísticas vigentes no país. A pesquisa, em termos de metodologia, é de caráter quali-quantitativo, ou seja, adotou-se uma metodologia mista. Para melhor compreensão da unidade de análise privilegiou-se o estudo de caso intensivo como método investigativo. Nesta dissertação explorou-se conceitos como: multiculturalismo, plurilinguismo, política linguística, *agenda setting* e serviço público de televisão para demonstrar como se processa a comunicação plurilingue no programa “Bom Dia Angola” do canal principal de televisão do país, *TPA 1*, e, ao mesmo tempo, perceber se ela ocorre à luz das políticas vigentes na região. Verificou-se que há uma diferença de tempo, tema e gênero jornalísticos entre as línguas africanas de Angola e a língua portuguesa. Tal facto põe em causa a integridade de um serviço público que se quer comprometido com a satisfação de todos e que assegure tanto os direitos da maioria como das minorias. Com base nos resultados, concluiu-se que por privilegiar a língua portuguesa, o “Bom Dia Angola” é um reflexo das políticas linguísticas vigentes no país e, como tal, remete as línguas africanas de Angola para papéis meramente secundários.

Palavras-chave: Bom Dia Angola; Política Linguística; TPA; Plurilinguismo.

Abstract

The diversity of languages spoken in Angola and its representation in *medium* television is the main motivator of this work. Thus, the present text revolves around the linguistic policies in television and started from the hypothesis that the information program "Bom Dia Angola" is a reflection of the language policies in force in the country. The research, in terms of methodology, is qualitative-quantitative, that is, a mixed methodology was adopted. For a better understanding of the unit of analysis, the intensive case study as an investigative method was favored. In this dissertation we explored concepts such as: multiculturalism, plurilingualism, linguistic politics, *agenda setting* and public television service to demonstrate how multilingual communication is processed in the "Bom Dia Angola" program of the country's main television channel, TPA 1, at the same time, to see if it occurs in the light of current policies in the region. It was verified that there is a difference of time, theme and journalistic genre between the African languages of Angola and the Portuguese language. This undermines the integrity of a public service which is committed to the satisfaction of all and which ensures both the rights of the majority and of minorities. Based on the results, it

was concluded that because it privileges the Portuguese language, "Bom Dia Angola" is a reflection of the language policies in force in the country and, as such, refers the African languages of Angola to merely secondary roles.

Keywords: Bom Dia Angola; Linguistic Policy; TPA; Plurilingualism.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1: Multiculturalismo em Angola	3
1.1 Política linguística em Angola	4
1.2 O plurilinguismo nos meios de comunicação social em Angola	11
1.3 O plurilinguismo na TPA1.....	14
1.4 Questões de comunicação.....	15
1.4.1 <i>Agenda setting</i>	15
1.4.2 Serviço público de televisão.....	16
1.4.3 A importância dos alinhamentos nos telejornais	19
Capítulo 2: Metodologia	
2.1 Estratégia metodológica	20
2.2 Recolha de dados	22
2.3 A unidade de análise.....	24
Capítulo 3: Apresentação e discussão dos resultados	25
3.1 Análise da forma	25
3.2 Análise do conteúdo.....	27
3.3 Análise das entrevistas	30
3.4 Discussão dos resultados	31
Considerações finais	37
Refêrências Bibliográficas	40
Anexos	
Guião das entrevistas.....	I
Grelha de observação (Modelo).....	IV

Índice de figuras

Gráfico 1.1 Línguas faladas em casa em Angola.....	7
Mapa 1.1 Mapa etnolinguístico de Angola.....	8
Gráfico 3. 2 Indicador do tempo da notícia por programa em línguas portuguesa e africana	26
Gráfico 3.3 Indicador do tempo total das notícias em línguas portuguesa e africana.....	26
Gráfico 3.4 Indicador total de respeito ao alinhamento dos cinco programas analisados....	27
Gráfico 3.5 Indicador da notícia dominante em línguas portuguesa e africana por programa	28
Gráfico 3.6 Indicador da notícia dominante do total da amostra em línguas portuguesa e africana	28
Gráfico 3.7 Indicador do género da notícia dominante por programa.....	29
Gráfico 3.8 Indicador do género dominante do total da amostra em línguas africana e portuguesa.....	29
Gráfico 3.9 Indicador de consumo de media televisão em Angola, 2017.....	35

Glossário de acrónimos

- TPA (Televisão Pública de Angola)
- MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola)
- DIP (Departamento de Informação e Propaganda do partido)

Introdução

Angola é um país com um mosaico cultural diversificado. Estando esta diversidade disposta nos cerca de 1.246.700 km² que perfazem a dimensão territorial deste país localizado na África subsariana e que conta, segundo o resultado do censo geral da população e habitação, de 2014, com cerca de 25.789.024 habitantes (INE, 2016: 31). Para este ano, 2019, o Instituto Nacional de Estatística projetou o número da população angolana em 30.175.553¹.

Em consequência de fatores como o nomadismo dos povos africanos e a ocupação colonial portuguesa, a população é distribuída de forma heterogénea ao longo do país, ressaltando, por conseguinte, as suas diferenças. Um traço desta diversidade é a pluralidade de línguas étnicas faladas pela população, coexistindo com a língua portuguesa, adotada em 1975 como língua oficial, por força das relações internacionais e provável necessidade de inclusão sócio-comunicativa das várias etnias do país.

Nesta coexistência entre o Português e as Línguas Africanas de Angola, a Língua Portuguesa aparece em espaços privilegiados, nomeadamente nos documentos oficiais do país, na educação formal, na prática de escrita, na dominação cultural, nas camadas privilegiadas, no progresso e modernidade (Chicumba, 2013: 8). Esta posição de predominância do Português sobre as Línguas Africanas de Angola tem o seu maior impacto nos órgãos de comunicação social tanto públicos como privados, os quais comunicam essencialmente em Português. Desta reflexão nasce o desejo de entender melhor a comunicação plurilingue no maior canal de serviço público de televisão angolano, *TPA 1*.

Assim, a presente dissertação permitiu uma reflexão à volta da política linguística na televisão. A partir do caso “Bom Dia Angola”, fez-se, no primeiro capítulo, uma revisão da literatura sobre o multiculturalismo, tendo em evidência a perspetiva multicultural sobre a qual este trabalho foi desenhado, bem como o reconhecimento da pluralidade etno-linguística de Angola enquanto contexto geográfico em que se situou esta pesquisa. Do mesmo modo, a partir de um quadro de referência geral, refletiu-se sobre as políticas linguísticas vigentes no país, um assunto que, de forma geral, ficou marcado por visões que denotam que Angola é guiada por uma política implícita, ou seja, não declarada e, como tal, favorece o monolinguismo do estado em que haveria influência da língua oficial sobre as nacionais.

Além disso, neste item, destacam-se as únicas línguas africanas de Angola que foram alvo de um estudo científico, nomeadamente, Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Mbunda, Oshiwambo ou Oxikwanhama e Tchokwe, tendo, por conseguinte, legitimidade para práticas letradas e utilização nos meios de comunicação social. Adicionalmente,

¹ http://jornaldeangola.sapo.ao/politica/populacao_angolana_chega_aos_trinta_milhoes_este_ano

referiu-se o uso das Línguas Africanas de Angola na imprensa escrita e na rádio, seguindo-se na *Televisão Pública de Angola*, que, até ao momento, tem sido o único *player* do telejornalismo que difunde em línguas africanas, até aqui conhecidas como línguas nacionais.

Por outro lado, seguiu-se com as questões de comunicação. Nesta parte, integrou-se o conceito de *agenda setting*, para perceber que critérios tomam os órgãos de comunicação social na definição de assuntos sobre os quais se constrói a realidade mediática; refletiu-se sobre a noção de serviço público de televisão e os preceitos que o sustentam. Igualmente, lançou-se um olhar sobre a importância dos alinhamentos nos telejornais. Aqui, ficou claro não só a ordem com que devem ser ordenadas as notícias nos blocos informativos, mas também os critérios a ter em conta na definição da ordem de exibição das matérias jornalísticas.

No segundo capítulo, fez-se o enquadramento metodológico e, no terceiro, a apresentação e análise dos resultados, que serão usados para confirmar a hipótese do estudo.

CAPÍTULO I

1. Multiculturalismo em Angola

Ao entrar neste tema, torna-se necessário perceber o contexto do termo multiculturalismo, com o qual se prossegue neste trabalho.

Refira-se que é um conceito inicialmente aplicado em países industrializados que, pelo facto de registarem altos fluxos migratórios, observaram uma miscigenação na cultura local. O conceito, como é hoje conhecido, não se restringe apenas a esses países, podendo adaptar-se a várias geografias e contextos históricos diferentes da Europa e dos Estados Unidos da América, aos quais esteve atrelado nos anos 60 e 70 do século passado.

Moreira e Candau (2008: 19-20) propõem duas abordagens fundamentais para se entender o multiculturalismo: uma descritiva e outra propositiva. (I) a primeira afirma ser o multiculturalismo uma característica das sociedades atuais; (II) a perspectiva propositiva entende o multiculturalismo não simplesmente como dado da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir e de transformar a dinâmica social. Trata-se de um projeto político-cultural, de um modo de se trabalhar nas relações culturais numa determinada sociedade, de conceber políticas públicas na perspectiva da radicalização da democracia.

Savidan (2010: 18) define o multiculturalismo como uma conceção de integração que estabelece que é, de certa forma, dever do estado democrático reconhecer, por um lado, a multiplicidade dos grupos étnico-culturais que constituem significativamente parte da sua população e, por outro, a receção na medida do possível, tendo como base princípios claramente identificáveis desta mesma diversidade.

Na visão de Venâncio (2001: 29), o multiculturalismo é a postura político-ideológica em prol de uma sociedade multicultural, uma sociedade onde coabitem várias culturas merecedoras de igual consideração por parte do poder político.

Olhando para o tema, as definições e perspectivas que mais se adequam ao âmbito desta pesquisa são as de Venâncio (2001) e de Moreira e Candau (2008), por se enquadrarem no papel do estado enquanto agente regulador da integração cultural sem a mínima exclusão de qualquer grupo étnico.

De qualquer forma, o multiculturalismo considerado no âmbito deste estudo limita-se às identidades etno-linguísticas, demarcando-se, por exiguidade de espaço e de tempo, das outras formas de identidade como homossexualismo, religião, classes sociais, etc.

No território a que hoje se chama Angola, cuja existência remonta há, pelos menos, 12.000 anos, sempre se deslocaram pessoas de um ponto para outro, registando-se interpenetrações grupais, anexação de territórios, trocas comerciais, nomadismo, alteração de fronteiras. Segundo Fernandes e Ntongo (2002: 17), os primeiros habitantes deste país

ocupavam as áreas onde as terras eram mais férteis, com regularidade de chuva, próximas dos grandes e médios rios.

O território que conforma Angola dispõe de um plano de diversidade de referências culturais resultantes das dinâmicas migratórias dos povos africanos e europeus. Neste sentido, é identitariamente constituído pelos povos “não-negros” e os não-bantu, entre os quais os do grupo khoisan e os pré-bantu que formam o grupo dos vátwa ou kuroka. Depois, o território registou as ocupações bantu e a portuguesa, respetivamente (Fernandes e Ntondo: *idem*).

Atualmente, a maior parte dos que povoam Angola descende dos bantu ocidentais e meridionais, principalmente no sudoeste, e da miscigenação dos diversos grupos quer entre si quer com a população europeia (Melo, 2010: 30).

Antes do modelo de organização política atual, resultante do colonialismo e de convenções internacionais, a sociedade angolana tradicional regia-se por reinos, cujo modelo de integração cultural era o equivalente ao multiculturalismo assimilacionista, a julgar pelo facto de que os reinos eram resultantes da fusão de várias aldeias, em que todos, independentemente da tribo, deviam prestar vassalagem aos reis e a toda a sua linhagem como os únicos, verdadeiros e legítimos herdeiros do trono e dos privilégios que daí decorrem, como sublinha Zau (2002: 39):

Os reinos emergiram pela implantação num dado conjunto de aldeias, de um poder centralizado na posse de um chefe de linhagem, mercê do poder económico e prestígio conquistados, reunindo à sua volta a comunidade que o respeita.

Assim, os principais reinos conhecidos eram os do Congo, Ngola, Bailundo e Matamba (Melo, 2010: 28). Este quadro de pluralidade etno-linguística levou à normatização da diversidade cultural, tendo como objetivo a atribuição de carácter patrimonial aos traços identitários, conforme descrito na lei magna da República de Angola, no seu artigo 87.º:

Os cidadãos e as comunidades têm direito ao respeito, valorização e preservação da sua identidade cultural, linguística e artística; o estado promove e estimula a conservação e valorização do património histórico, cultural e artístico do povo angolano (CRA, 2010: 30).

1.1. Política Linguística em Angola

Na sua abordagem sobre linguística geográfica, Saussure (2006: 226), reconhecendo a diversidade linguística entre territórios próximos e distantes, fala na existência de fatores externos na influência da língua, sendo que um deles seria o que

chamou de “língua literária”, expressão que utilizou para designar a língua da literatura como também, em sentido mais geral, toda a espécie de língua culta, oficial ou não, ao serviço da comunidade inteira. Este autor defende, igualmente, que a multiplicidade de comunicações, desde cedo, levou os estados a escolherem com que língua os seus cidadãos devem comunicar (Saussure: *idem*):

(...) Mas, como a civilização, ao desenvolver-se, multiplica as comunicações, escolhe-se por uma espécie de convenção tácita, um dos dialetos existentes para dele fazer o veículo de tudo quanto interesse à nação no seu conjunto.

Provalmente, esta seria uma tentativa de explicação daquilo que, mais tarde, seria cunhado por política linguística, em referência a dois conceitos que, unidos, integram o campo de estudo da sociolinguística².

A primeira expressão advém de polis (politikós), ideia propalada por Aristóteles em referência à cidade e, conseqüentemente, ao que é urbano, civil e público. E, por último, o termo ganha o sentido de arte ou ciência do governo. A partir da segunda metade do século XX, os dois conceitos dão lugar a um ramo de estudo com escopo de abordagem diferente, tendo os primeiros estudos na área sido desenvolvidos por alguns pesquisadores como Fishman (1970), nos Estados Unidos, Ninyoles (1975) na Espanha, e Glück (1981), na Alemanha (Recuero, 2014: 4).

Assim, juntos, os conceitos exprimem as medidas de utilização da língua adotadas pelo estado, bem como o lugar que elas podem tomar numa rede de relações societárias. Ou seja, é o início da relação entre a sociedade e a língua, mediada por políticas públicas. Este dirigismo do estado na adoção das práticas de ideologia linguística para a sociedade responde às questões: *O que falar? Por que falar? Como falar? Para quê falar?* Assim, vale a pena ressaltar que os critérios de intervenção das políticas linguísticas na sociedade assumem várias designações e fundamentações teóricas como referem os parágrafos subsequentes.

Orlandi (*apud* Recuero, 2014: 8) divide a política linguística em dois segmentos, nomeadamente a política linguística “explícita” – definida por uma lei e que consagra uma língua como oficial dentro de um país; a política linguística “implícita”, correspondendo àquela apresentada através de documentos de carácter orientativo, como as directrizes e as orientações curriculares, que não funcionam como atos de lei mas, no entanto, estão como “abrigadas” e relacionadas com uma política maior, subjacente e explícita.

² Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade.

Na visão de Shohamy (*apud* Silva, Santos e Jung, 2016: 5), o cenário linguístico no meio social pode ser configurado tanto por políticas linguísticas *top-down*, visíveis em textos regulados por autoridades públicas (como em signos governamentais, edifícios públicos, nomes de ruas, placas de localização ou placas turísticas), quanto por políticas linguísticas *bottom-up*, colocadas em prática por entidades singulares (por exemplo, nos textos de lojas, associações, empresas, restaurantes, bancos, anúncios publicitários).

Para Calvet (1993: 174), há duas formas de gestão das políticas linguísticas: *in vivo* e *in vitro*, sendo que o primeiro é sobre como as pessoas, confrontadas diariamente com problemas de comunicação, os resolvem. Essas soluções não são determinadas por uma lei ou por decreto, enquanto que o segundo – gestão *in vitro* – se refere a ações derivadas de pesquisas que se consolidam como ações de poder e controlo. Este último tipo de gestão está normalmente ao serviço do poder político na administração da língua por ser resultado de hipóteses comprovadas pela comunidade académica, em suma, decorre de um planeamento linguístico.

Angola é um país de múltiplas etnias e, por conseguinte, de uma vasta diversidade linguística e cultural. Falar em políticas linguísticas no país remete-nos para uma reflexão sobre o conhecimento que se tem das variedades linguísticas e da sua distribuição por este imenso território.

Ressalta-se, à partida, que não há uniformização sobre os dados linguísticos em Angola, sobretudo no que toca à variedade das línguas de origem africana faladas no país. Há, no entanto, o trabalho de Redinha, datado de 1974, no qual muitos estudos se têm apoiado para o conhecimento da realidade etno-linguística. Neste sentido, a etnologia estabeleceu, para os bantu de Angola, nove subdivisões étnicas, segundo Redinha (1974: 8):

Grupo etnolinguístico	Quicongo (Kicongo ou Conguês)
II	II Quimbundo (kimbundu ou Tyumbundu)
II	II Lunda-Kioco (Lunda_Kioco ou Lunda – Tshokwe)
II	II Umbundu (ou Ovimbundu)
II	II Ganguela (ou Ngangela)
II	II Nhaneca-humbe (ou Nhaneka – Lunkumbi)
II	II Ambó (ou Vaambo, também designado Xikwanyama)
II	II Herero (ou Tjiherero)
II	II Xindonga (ou Oshindonga)

O autor sublinha, ainda, que estes nove grupos se subdividem em mais de uma centena de etnias menores, tendo como base de distinção as diferenças linguísticas (*idem*: 9).

Nos estudos de João Vicente Martins, de 1993, houve um acréscimo de mais um grupo bantu, designadamente os luba, cuja língua é o tchiluba, ou habitualmente chamado baluba-tchiluba (Martins *apud* Zau, 2002: 58).

O quadro etno-linguístico de Angola é complementado com mais um grupo de origem africana, o povo não-bantu que, à semelhança dos demais grupos, apresenta divisões internas. No caso, em nove subgrupos (*idem*: 58). Conforme já sublinhado, o mosaico etno-linguístico de Angola é, também, preenchido pela população europeia e seus descendentes.

Dados do último censo geral da população e habitação apontam que a língua portuguesa é falada em casa por 71,15% dos angolanos, havendo maior número de falantes entre os que vivem no meio urbano (85%) e menor número entre os que vivem no meio rural (49%) (INE, 2016: 50). Refere, também, o levantamento estatístico de Angola que 28,85% da população se serve de dez línguas africanas de Angola para atender às suas necessidades comunicativas, como indica o gráfico abaixo.

Línguas faladas em casa em Angola:

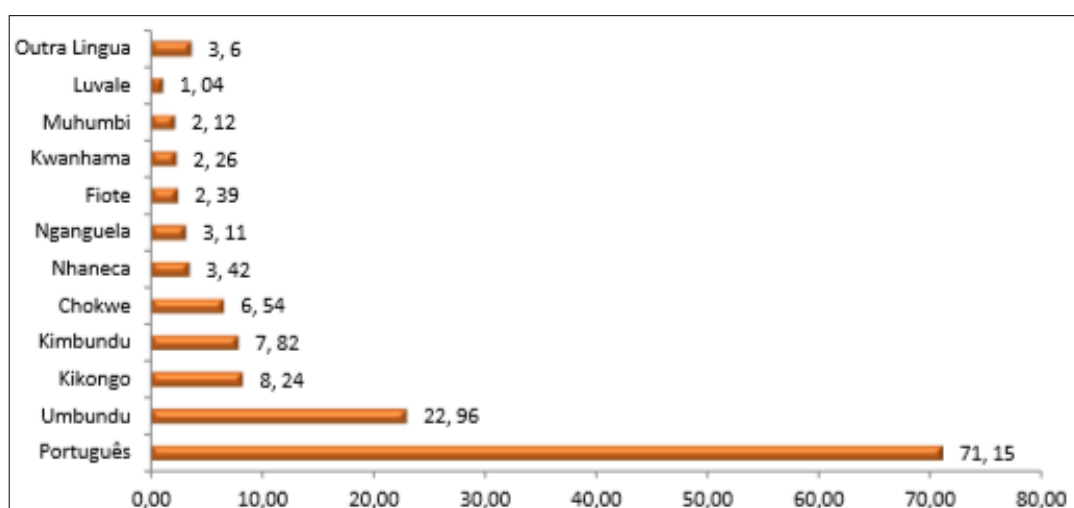


Gráfico 1: indicador das línguas faladas em casa em Angola

Fonte: INE (2016: 51)

Quanto ao inquérito do INE, revela certas insuficiências na medida em que não reporta que outras línguas falarão os 28,85% da população angolana no ambiente extra-lar, ou seja, o estudo não torna claro que outras línguas essas pessoas falam fora do contexto onde moram. No mesmo diapasão, sobre os falantes monolíngue em (língua portuguesa), o estudo não esclarece se eles falarão outras línguas fora do contexto familiar.

Apesar do gráfico sobre a distribuição linguística fazer constar a percentagem de 3,6% designando outras línguas faladas em casa, tal dado não permite indicar com precisão

quem se serve delas, população urbana ou rural, ou, ainda, se se trata da comunidade imigrante residente no país. Sendo assim, é inviável precisar quem são os angolanos bilingues ou multilingues.

Importa refletir, também, a ausência de dados no levantamento do INE sobre a proficiência da Língua Portuguesa em Angola enquanto língua mais falada no país nos atos educativos, comunicacionais e de instrução. A este propósito, parece-me importante citar o linguista Quimbongue Mudiambo, para quem a língua portuguesa só se pode considerar verdadeiramente um veículo de unidade nacional em Angola, quando os falantes, neste território, forem proficientes:

(...) imperioso desenvolver as quatro competências básicas, muito em especial, para todos os falantes que têm a mesma língua como segunda: escutar (ouvir), falar, ler e escrever. Por isso, é necessário concatenar duas competências, primeiramente, como suporte da oralidade, respetivamente o escutar e o falar, e as outras duas relativamente à escrita: o ler e o escrever (Mudiambo, 2013: 16-17):

O mapa etno-linguístico de Angola abaixo reproduzido ilustra esquematicamente a distribuição geográfica das línguas de origem africana:



Mapa 1: Mapa Etnolinguístico de Angola.

Fonte: Fernandes e Ntongo (2002)

Tão importante quanto os dados estatísticos sobre a distribuição das línguas em Angola, é o conhecimento das mesmas. Aliás, os primeiros atendem às questões: *Quantos*

são e Onde estão? Já o segundo, *Como são e Como estão?* A observância destes dois aspetos é um ponto crucial para a efetivação de ações de política linguística num país.

Grande parte das ideias que dialogam sobre o assunto políticas linguísticas em Angola indica uma indefinição das políticas públicas ou carência das mesmas. Por exemplo, José Pedro sublinha que “o país necessita de uma política linguística clara que tenha em linha de conta a sua realidade sociolinguística e ponha termo ao desequilíbrio linguístico” (2018: 5).

Daniel Sassuco entende que há certo monolinguismo do estado angolano:

A língua portuguesa em Angola acaba por ter praticamente todos os estatutos funcionais (...). Na verdade, essas línguas não funcionam como tal, em paralelo com o português. Vê-se que, em todos os contextos a língua portuguesa é que funciona e não as línguas nacionais. Esse é o problema da definição das políticas linguísticas no país (Leite, 2015: 21).

Apesar das discussões que o assunto encerra no mundo académico, podemos enumerar os atos de política linguística em Angola a partir do século XV, com a introdução da língua portuguesa pelo colonizador português e utilizado primeiro como língua franca, no tráfico de escravos e no comércio, e imposta, de seguida, como língua de civilização pelos colonizadores. Para materialização deste intento de civilizar os colonizados, o governo colonial adota medidas de política linguística que se resumiam num estado monolingué e numa completa desqualificação das línguas africanas, estabelecendo como civilizado todo aquele que comunicasse exclusivamente em língua portuguesa:

Após a instauração do Estado Novo, oficialmente era possível a qualquer africano ou mestiço ser reconhecido como assimilado (não indígena) e assim atingir o mesmo *status* legal de um europeu. No entanto, para se habilitar a tal classificação, o indivíduo tinha de ter 18 anos de idade, demonstrar que sabia ler, escrever e falar português fluentemente, ser trabalhador assalariado, comer, vestir e ter a mesma religião que os portugueses, manter um padrão de vida e de costumes semelhante ao estilo de vida europeu e não ter cadastro na polícia (Zau, 2002: 98).

Já na era pós-colonial, as medidas de política linguística mais expressivas podem ser divididas em quatro períodos fundamentais:

- a) A adoção da língua portuguesa como língua oficial em 1975 – para o contexto angolano, a primeira medida de política linguística foi a adoção da língua

portuguesa como língua oficial, podendo estar nos mais diversos espaços públicos como na comunicação social, na administração do estado e em documentos oficiais, como descreve Banza:

já o português, sendo maioritariamente língua segunda de todos, surgia como uma opção neutra, além de ser a única que permitiria à nação angolana a projeção e relacionamentos internacionais essenciais ao desenvolvimento de uma nação jovem (2007: 31-32).

- b) A transformação do Instituto Nacional de Línguas Nacionais (INL) em Instituto de Línguas Nacionais (ILN), através do Decreto n.º 40/85, de 18 de Novembro. Com esta transformação, muda também o objeto social, ou seja, o INL ocupava-se de várias línguas (Português, Francês, Inglês e Línguas Africanas de Angola), ao passo que o ILN se ocupa única e exclusivamente das línguas africanas de Angola até aqui conhecidas por línguas nacionais (Pedro, 2018: 7).
- c) A garantia de proteção constitucional. Em termos legais, a Constituição da República de Angola, de 2010, determina, através do artigo 19.º, a seguinte política linguística para o país:

- 1. A língua oficial da República de Angola é o português;
- 2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional (CRA, 2010: 9).

- d) A inclusão das línguas de origem africana de Angola no sistema de ensino e na comunicação social, em 2011, através do Decreto Presidencial n.º 15/11 de Janeiro (Pedro, 2018: 8).

Em Angola, seis línguas africanas foram estudadas e formalizadas para práticas letradas, nomeadamente Kikongo, Umbundu, kimbundu, Tchokwe, Mbunda e Oxikwayama ou Oshiwambo, cuja data de aprovação remonta ao ano de 1987, em Conselho de Ministros (Pedro, 2018: 7). Muitas outras têm sido amplamente estudadas e descritas por pesquisadores angolanos. Neste sentido, é prematuro perceber se estas línguas são de unidade nos territórios em que são faladas, na medida em que continuam a ser feitos estudos para o seu melhor entendimento³ e, por conseguinte, identificar a variante-padrão

³ http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2017/1/8/ln.cd51cf88-62f2-46a1-ab7a-5c7cd1e8aed8.html

de cada uma das línguas mais representativas para que possam servir de língua franca entre os falantes.

Deve realçar-se que não se possui o registo de nenhuma língua africana de Angola do grupo Khoisan que abranja as províncias do Cunene, Cuando Cubango, Huila e Namibe, nos meios públicos ou privados de comunicação.

1.2. O Plurilinguismo nos Meios de Comunicação Social em Angola

Interessa identificar, nesta dissertação, como se processa a comunicação plurilingue no “Bom Dia Angola”, da *TPA* face às políticas linguísticas do país, mas não sem antes abordar o plurilinguismo nos meios de comunicação social em Angola.

Refira-se que a noção da coexistência de línguas é um assunto que preencheu já o ambiente comunitário há séculos, como referenciado nas narrativas da mitologia hebraica da Torre de Babel⁴.

Em 2001, o Conselho Europeu, através do *Quadro Comum de Referência para as Línguas, Aprendizagem, Ensino e Avaliação*, na sua versão portuguesa, pontuou o plurilinguismo como competência comunicativa para a qual contribuem todo o conhecimento e toda a experiência das línguas e na qual as línguas se inter-relacionam e interagem. Deste ponto de vista, o locutor pode servir-se, também, de aspetos paralinguísticos para se comunicar, como a mímica, gestos e as expressões faciais (Conselho da Europa, 2001: 23).

Menezes (2013: 30) caminha no mesmo sentido com o seu texto ao definir o plurilinguismo como a capacidade de que o falante dispõe para ativar competências e conhecimentos que possui.

Andrade e Gonçalves (2007: 6) entendem a questão como a “capacidade de cada falante ativar capacidades e conhecimentos que possui, ou seja, o conjunto do repertório linguístico de que dispõe de forma a ser capaz de comunicar e compreender mensagens numa dada situação de comunicação que se constrói pela presença de mais de uma língua”.

Em todas as definições, sublinha-se o facto de não estarem distanciadas umas das outras sobre o que vem a ser o “plurilinguismo”, evidenciando-se a ordem do falante enquanto sujeito que se articula por entre várias línguas como a característica fundamental de um indivíduo plurilingue.

⁴ Ideia segundo a qual o plurilinguismo seria o motivo do desentendimento entre os homens, uma punição lançada por Deus devido à sua soberba e pretensão em buscar aproximar-se dos céus (*Vide* Silva, 2012).

No presente texto, chama-se de plurilinguismo a utilização de várias línguas por um indivíduo. Ainda assim, olhar-se-á para o programa “Bom Dia Angola”, vendo nele a capacidade de sujeito do discurso.

Discutindo a essência do tema, pode afirmar-se que, numa sociedade plurilingue, a inserção das línguas nos meios de comunicação social e espaços públicos pode trazer efeitos múltiplos na vida social, assim como na mobilidade e na promoção da própria diversidade. Para tal, os órgãos de comunicação social constituem os espaços adequados para legitimar o discurso plurilingue. Thompson, na sua teoria social dos media, reconhece o papel dos meios de comunicação na circulação de bens simbólicos no espaço público, (Thompson, 1998: 19):

De uma forma profunda e irresistível, o desenvolvimento da media transformou a produção e o intercâmbio simbólico no mundo moderno (...) os meios de comunicação têm uma importância irreduzível: eles relacionam-se com a produção, armazenamento e a circulação que são significativos para os indivíduos que os produzem e que os recebem.

Segundo o jornalista angolano Ismael Mateus, a primeira comunicação em línguas africanas de Angola de que se tem registo data de fevereiro de 1896 e foi feita em Nova Iorque⁵. Este jornal, editado a partir dos Estados Unidos da América, chamou-se “Kamba dia Ngola”, que, numa tradução literal, seria “Amigo de Angola” (Songa e Dias, 2015: 5).

Entretanto, foi no Medium Rádio que com mais frequência, desde muito cedo, ainda na época colonial, se registou uma maior programação diária e semanal de emissões em línguas africanas de Angola, como afirma Amândio:

O governo colonial português não tinha a mínima dúvida de que a rádio era o seu mais poderoso instrumento de colonização e de aculturação dos povos de Angola, por isso é que, usando da força deste veículo, combinou com o uso das línguas nacionais. Assim, a Emissora Nacional de Angola, a Rádio Eclésia – emissora católica de Angola e, posteriormente, a Voz de Angola privilegiavam nas suas emissões a informação em línguas nacionais, assim como músicas cantadas nas línguas do nosso país, porque entendiam eles que a nossa língua era mais bem recebida pelas diversas populações de Angola (Amândio, 2011: 28).

Neste sentido, reza a história que foi em 1961 que surgiu, no Huambo, a primeira emissão de rádio, combinando música africana com locução bilingue, português e língua nativa Umbundu (Amândio, idem: 31). A autora refere, igualmente, que, nas décadas de 60

⁵ Disponível em <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/2001/angola/osmedia.html> acedido aos 24 /10/018.

e 70 do século XX, a inserção das línguas nativas de Angola na programação radiofónica foi usada de maneira que fosse um instrumento de controlo e dominação das populações indígenas de Angola por parte da autoridade colonial portuguesa como contraponto à luta dos movimentos de libertação nacional, associações e outros grupos de pressão que também utilizavam as línguas autóctones na radiodifusão das suas mensagens. Os Jornalistas, nesta altura, utilizavam as línguas nacionais como principal ferramenta para o alcance dos objetivos descritos:

Por exemplo, o MPLA tinha a Rádio Angola Combatente que emitia a partir de vários países como o Congo Brazzaville, a Tanzânia e a Zâmbia em línguas nacionais, como o kikongo o Kimbundu, o Tchokwe, o Umbundu, o Luvale, Kwanhama, Nhaneka, entre outros (Amândio, *ibidem*: 29)

Após a independência, em 1975, seguiu-se em Angola a guerra civil, tendo originado a dispersão e migração interna e externa da sua população. Em consequência disso, devido ao seu alcance imediato, a rádio foi o órgão escolhido na mobilização da população. Aliás, a literacia do povo angolano é algo que se começa a construir depois da paz no país, em 2002, já que 85% da população, até 1975, era analfabeta⁶. Tal facto propiciou a preferência pela audição da rádio à leitura de jornais. Surgia então, em 1999, a Rádio Ngola Yetu, do grupo Rádio Nacional de Angola, como rádio de unidade e identidade cultural, passando a emitir em catorze línguas africanas de Angola, nomeadamente: Umbundu, Tchokwe, Kimbundo, Kikongo, Fiote, Nganguela, Luvale, Ngoya, Nhaneka Umbi, Bangala, Songo, Kwanhama, Luvale, Fiote⁷.

Nove anos mais tarde, em 2008, ainda sob iniciativa da Rádio Nacional de Angola, as línguas angolanas de origem africana: Kimbundu e Umbundo passaram a integrar a rádio municipal de Viana. Neste sentido, os ouvintes desta estação emissora, em duas horas diárias de emissão ao longo da semana, das 04 às 06 horas da manhã, passaram a seguir a vida em notícias, a entreter-se e a aprender.

Quanto à inserção das línguas africanas de Angola no telejornalismo, a única televisão que abriu espaço na sua grelha de programação foi o operador de serviço público de televisão, *TPA*. A inserção das línguas de origem de Angola na *TPA* deu-se oito anos depois de o país ter alcançado a independência, em 1983, e dado o contexto do seu surgimento – Guerra Fria –, tinha essencialmente um fim político-ideológico, caracterizado por um sistema político monopartidário, como relatam Songa e Dias (2015: 15):

⁶ Disponível em <https://www.sapo.pt/noticias/numero-de-angolanos-analfabetos-caiu-mais-de-55ef0ba56924dbe12c11fa67> último acesso 09/02/19.

⁷ Jornal de Angola, 16 de novembro de 2016, disponível em <http://imgs.sapo.pt/jornaldeangola/img/f-domingos1.pdf> acessado aos 23 /10/2018.

As línguas nacionais surgem na *TPA*, sobretudo, a 15 de abril de 1983 seguindo do DIP, na altura Departamento de Informação e Propaganda do partido, que oficialmente estava e continua no poder, o MPLA, no sentido de comunicar, levar a informação.

Portanto, é seguro afirmar que, desde cedo em Angola, dado o mosaico linguístico, a comunicação plurilingue tem marcado presença nos órgãos tradicionais de comunicação com destaque nos órgãos públicos de rádio e televisão no país.

1.3. O Plurilinguismo na *TPA* 1

Como dito anteriormente, o jornalismo de identidades, tendo como base as línguas de Angola na televisão, surgiu em 1983 no Canal 1 da *TPA*, no espaço Jornal Nacional, e estava ao serviço do sistema político reinante que pretendia maior alcance, a julgar pelo facto de os partidos, em Angola, desde cedo, infra-estruturaram-se nas massas. O noticiário de emissão diária passa nos canais 1 e 2, às 12 horas, em oito línguas africanas de Angola: Fyote, Tchokwe, Nganguela, Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Kwanyama e Nhanheka Humbe (Songa e Dias, 2015: 2-3). O noticiário tem a audiência daqueles que preferem ouvir as notícias em línguas nacionais e daqueles que não entendem o Português, mas que têm aquele veículo como sua única opção.

No Jornal Nacional, segundo sinopse da *TPA*, é veiculado o resumo dos acontecimentos nas diversas línguas africanas faladas em Angola com o objetivo de inclusão comunicativa das comunidades do meio rural:

A informação em línguas nacionais é muito importante em Angola. É neste boletim informativo que muitas pessoas conseguem ter acesso à informação. Angola, pela sua vastidão e diversidade, tem mais de dez idiomas para além da língua oficial. Garantindo o serviço público, a Televisão Pública de Angola chega aos lares de milhares de pessoas espalhadas pelo território angolano, de Cabinda ao Cunene⁸.

No dia 25 de Maio de 2007, a *TPA* cria o programa de informação contínua, “Bom Dia Angola”. Em 2007, o programa era emitido das 7 horas às 9h30. Atualmente é emitido das 6 às 9h, de segunda a sexta-feira. O programa já teve emissão aos sábados. Há quatro

⁸ Retirado de <http://tpa.sapo.ao/programacao/tpa1/detalhe/jornal-nacional>

anos que o programa horizontal⁹ da *TPA 1* introduziu a comunicação plurilingue, passando a língua portuguesa a coexistir com as línguas angolanas de origem africana. No novo formato, a comunicação é essencialmente feita em língua portuguesa, havendo, por momentos, num intervalo de 15 em 15 minutos, a intercalação com os pivots de oito línguas africanas de Angola, nomeadamente Fiote, Nganguela, Tchokwe, Nhaneka, Ochiwambo kimbundu, kikongo e Umbundo. Ressalta-se ainda que das oito línguas apenas sete fazem a síntese, sendo que, de forma alternada, uma delas é escolhida para preencher o espaço do meio dia – Jornal Nacional.

1.4. Questões de Comunicação

1.4.1. *Agenda Setting*

A paternidade da *agenda setting* ou teoria do agendamento é atribuída a Maxwell McCombs e Donald Shaw e remonta ao ano de 1970. Com esta teoria, defende-se a hipótese segundo a qual os consumidores dos media tendem a considerar como importantes os assuntos veiculados com mais frequência na cobertura jornalística, ou seja, um assunto seria mais importante para o telespectador quanto mais fosse veiculada pelos media. Neste sentido, como sublinha Santos (2015:122), “a comunicação social é que diz quais são os temas importantes da atualidade”. Com base nesse conceito, haveria duas realidades: a mediática e a imediata, sendo que a realidade mediática seria a responsável pela construção social (Santos, *idem*: 126).

Deste modo, os órgãos de comunicação social dizem às pessoas, sobretudo à classe política sobre que assuntos se deve ter uma opinião e, segundo McCombs e Shaw, seriam os meios de comunicação que ditariam a pauta dos candidatos nas campanhas políticas, na medida em que o discurso político seria adaptado a temas que pudessem merecer a publicitação mediática.

Em nossos dias, mais do que nunca, os candidatos vão ao público através dos meios de comunicação de massa e não pessoalmente. A informação nos meios de comunicação de massa torna-se o único contato que muitos têm com a política. As promessas e retórica encapsuladas nas notícias, colunas e editoriais constituem

⁹ Programas transmitidos todos os dias da semana no mesmo horário com vista a fidelizar o público (*stripping*); são complementados com programação vertical que se mantém toda a semana, por exemplo, as séries/telenovelas que ajudam a fidelizar o público que quer conhecer o desfecho destes programas. Ver Fernandes 2001.

grande parte das informações sobre as quais uma decisão de votação deve ser tomada. [...] (McCombs e Shaw, 1972: 2)¹⁰

Na pesquisa de McClure e Paterson, citado por Santos, o *Medium* Jornal afigura-se como o mais indicado para a produção do efeito de agendamento devido à sua capacidade de se infra-estruturar no espaço, diferente da televisão que privilegia a forma e o conteúdo e se infra-estrutura no tempo (McClure e Paterson *apud* Santos, 2015: 124). Na visão de Santos, o *agenda setting* definiria o que seria atual e a ordem de importância dos acontecimentos através da hierarquia e prioridade dos temas noticiosos (Santos, *ibidem*: 125).

Segundo McCombs, em *Setting the Agenda*, livro que escreveria em 2014, quatro décadas depois do artigo sobre a teoria do agendamento, eis os principais elementos que definem o agendamento: (I) fonte principal – que fornece as informações para notícias; (II) outras organizações; (III) tradições de normas de Jornalismo (McCombs, 2014: 132). A este conjunto de elementos significativos que definem o agendamento acrescentam-se os líderes nacionais, os funcionários de informação pública e profissionais de relações públicas.

O agendamento de temas sumariza, no fundo, aquilo que os órgãos de comunicação social tencionam formar na opinião pública e acaba por ser mais importante em contextos de crise para o controlo e monitorização social. Para isso, direciona o foco das pessoas na reprodução do real e não no real propriamente. Aliás, “o facto jornalístico” é a soma dos meios técnicos, da capacidade cultural do jornalista e do contexto da produção da notícia, logo é a recriação da realidade e não a realidade em si.

1.4.2. Serviço Público de Televisão

A noção de serviço público em televisão surge da necessidade de estabelecer um padrão para este *medium*. Refira-se que, ao longo do tempo e por conta das políticas públicas adotadas pelos países, dois modelos de televisão ditaram o conteúdo do telejornalismo, nomeadamente o modelo dos Estados Unidos da América – televisão comercial, sustentada por financiamento privado – e o modelo Europeu – marcadamente estatal – (Botelho, 2017: 19). Este último, segundo Teves, começou em 1929, na BBC de Londres, com as emissões regulares de TV (Teves, 1998: 9). No modelo europeu, a comunicação era paternalista e monodirecional, enquanto que na lógica norte-americana o

¹⁰ Tradução minha.

público era encarado como audiência à qual os anunciantes faziam chegar os seus produtos.

Para justificar a apropriação deste meio de comunicação pelos anunciantes e pelo Estado, refere Eduardo Cintra Torres dois argumentos que estiveram na sua base: primeiro, nos debates políticos nos EUA sustentava-se a hipótese de que se o Estado possuísse e fizesse a TV, haveria uma intromissão nas liberdades estabelecidas pelos fundadores do país, fortalecendo conteúdos informativos de tomada de posição e, até mesmo, de propaganda; segundo, na Europa os Estados invocavam a escassez do espectro radioelétrico para não colocar a TV na mão de privados, na verdade, queria o Estado servir-se do meio para a comunicação político- ideológica (Torres, 2011: 13). Acrescenta o autor que, mais tarde, os dois modelos de TV aproximaram-se com o lançamento de televisões públicas pelos agentes políticos nos EUA e Brasil, seguindo-se a abertura de canais privados na Europa (Torres, *Idem*: 14).

Face ao exposto, é possível perceber que a noção de serviço público esteve atrelada inicialmente à ideologia política do estado, mas não ao público enquanto centro de interesse da programação televisiva.

O conceito de serviço público com a tónica dominante no público, amplamente aceite, é a reportada por Rumphorst, em 1998, e teria como características essenciais, *ser feito para o público; ser financiado pelo público e controlado pelo público*¹¹ (Rumphorst, 2007: 2).

Deste modo, nos dias que correm, várias ideias animam o debate do serviço público de televisão. O primeiro de todos é a existência de quatro princípios clássicos pelos quais uma televisão pública se deve reger, segundo Lopes (1999: 41, 86, 87) citamo-los:

1. *Princípio da mutabilidade*: orienta o serviço público para uma constante adaptação ao progresso social;
2. *Princípio da igualdade*: proporciona aos utilizadores do serviço público um conjunto de direitos, nomeadamente o direito à não-discriminação. Da informação televisiva, de serviço público, espera-se a promoção quer dos valores das maiorias, quer dos valores das minorias; quer das realidades urbanas, quer das realidades periféricas, quer das posições oficiais, quer das posições populares;
3. *Princípio da neutralidade*: impõe um conjunto de deveres aos responsáveis pelos serviços públicos, sendo o mais importante deles a imparcialidade.
4. *Princípio da continuidade*: defende que os serviços públicos devem ter características regulares.

¹¹ Tradução livre.

A estes princípios são acrescentados outros conceitos que fundamentam o serviço público de televisão, seja a *universalidade* (fazer chegar a televisão a todos os cidadãos do país em igualdade de condições de acesso); *diversidade* (uma programação variada, regida genericamente pela conhecida trilogia: informar, formar e entreter); *financiamento público* (fosse através de uma taxa associada à posse de um aparelho de televisão, fosse mediante recurso ao orçamento de estado); *independência* (tanto face aos diferentes governos como a interesses particulares) (Pinto, 2005: 24).

Retomando Torres (2011), um serviço de utilidade pública deve ter como pré-requisito a sua abrangência universal e um distanciamento dos interesses privados:

A ideia do serviço público de televisão funda-se no reconhecimento do carácter de utilidade geral de uma atividade que não existiria se fosse submetida à iniciativa privada, ou porque seria desviada do seu verdadeiro destino ou porque constituiria um monopólio que seria perigoso abandonar a particulares (Torres, *ibidem*: 80-81).

Para além deste afastamento dos setores privados, uma televisão que se assume pública deve ter um enquadramento legal neste sentido, ou seja, uma legislação que fundamente este ideal de serviço público, de forma a definir os modelos de gestão, fontes de financiamento e controlo. Neste sentido, segundo o entendimento de Lopes (1999:32-33), a sua gestão, o seu funcionamento e o controlo dos seus serviços alteram-se conforme o regime jurídico a que estiverem submetidos. Assim, o que definiria um serviço público de televisão é a sua identidade, conteúdos, estrutura, funcionamento e financiamento.

A TPA, estação sobre a qual se definiu o objeto vertente, é uma empresa pública de televisão com segmento generalista dotada de personalidade jurídica com autonomia administrativa e de gestão, cujo objeto social é o de prestar um serviço de televisão, tendo entre várias missões as seguintes¹²:

- a)** Assegurar uma programação de referência, qualitativamente exigente e promotora da valorização cultural e educacional dos cidadãos.
- b)** Desenhar a sua programação de modo a facilitar o acesso ao conhecimento e saberes e ao desenvolvimento do sentido crítico do público.
- c)** Atender na sua programação à diversidade cultural e aos diferentes estratos sociais da população que serve.

¹² <http://tpa.sapo.pt/tpa/sobre-a-tpa>

- d) Assegurar a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião de natureza política, religiosa e cultural.

A empresa em causa que se assume com o ideal de serviço público, segundo António (2001), beneficia de cerca de cinco milhões de dólares americanos anuais¹³, é financiada pelo estado, para além de beneficiar de patrocínios e ganhar com a publicidade (António, *idem*: 123).

1.4.3. A Importância dos Alinhamentos nos Telejornais

Nos canais de televisão generalista, os telejornais constituem, indubitavelmente, um espaço de eleição onde as pessoas buscam maior parte da informação. Tendo em vista esta preferência dos telespectadores, as notícias são alinhadas de modo a estabelecer uma relação de fidelidade com o público. Os alinhamentos correspondem ao guião de notícias de que se servem os produtores, jornalistas e apresentadores e respondem intrinsecamente à linha editorial da empresa de comunicação.

As notícias de um telejornal estão estruturadas no tempo e ordenadas hierarquicamente em blocos de notícias. A hierarquização das peças jornalísticas em blocos de notícias e em momentos de emissão, a que se chama alinhamento, define a sua importância dentro do espaço noticioso em que estiverem inseridas, como atesta Cruz (2014: 110):

É através da sua disposição que algumas notícias e blocos informativos se demarcam dos demais. A primeira notícia assume-se como a mais importante, logo com mais valor. É a manchete do jornal. A primeira de cada bloco é também valorizada em relação às demais e, frequentemente, também a(s) notícia(s) que marca o encerramento do jornal estão imbuídas de uma valorização especial. A partir desta seleção, distribuem-se as restantes notícias.

Para a criação de um bom alinhamento, existe uma multiplicidade de fatores a ter em conta como a credibilidade, atualidade e relevância das matérias (Sena, 2013: 80). Para

¹³ Suponho que, atualmente, este valor deverá estar muito acima, na medida em que este estudo remonta a 2001. De todo o modo, vale destacar que não são públicos os relatórios e contas da empresa.

além destes fatores, há uma necessidade do alinhamento dos telejornais se adequar às características do recetor através de uma ordenação continuada das notícias, permitindo aos telespectadores alcançarem o significado global das matérias no contexto do noticiário.

Na visão de Cruz (2014: 110), os alinhamentos dos telejornais diários das estações generalistas procuram corresponder à identidade da emissora e dirigem-se a um público de características heterogéneas a partir dos seguintes aspetos:

- (I) Natureza geográfica do telespectador: trata-se de dar uma informação mais ou menos regional;
- (II) Atributos demográficos: idade, género, classes sociais dos telespectadores;
- (III) Hábitos quotidianos: destaca-se o horário e o tempo que cada um desses segmentos de audiência disponibiliza para o visionamento de televisão. Destaca-se, ainda, que “a composição do perfil das audiências é crucial para a definição de critérios de selecção de factos e de protagonistas para as notícias (...)” (Cruz, *idem*: 110).

Capítulo II: Metodologia

2.1. Estratégia metodológica

Os métodos correspondem aos caminhos que se percorrem numa investigação científica, tendo como base, no mínimo, uma pergunta de partida seguindo-se-lhe uma hipótese. Deste modo, a hipótese seria a condição fundamental na infra-estruturação de um trabalho científico guiado pela lógica da descoberta (Quivy e Campenhoudt, 2017: 119). O presente texto, à luz da exposição teórica refletida no capítulo anterior, persegue a hipótese segundo a qual a forma como são articuladas as línguas no programa “Bom Dia Angola” é um reflexo das políticas linguísticas desenvolvidas no país.

Angola é um país pluriétnico e, por conseguinte, pluricultural, havendo no extenso tecido social uma diversidade de línguas. Em consequência, na *TPA 1*, através do programa “Bom Dia Angola”, as línguas de origem africana coabitam com a Língua Portuguesa em resposta ao ideal de serviço público defendido pela televisão angolana. Neste sentido, a pesquisa que ora se apresenta, subordinada ao título *Política Linguística na Televisão: o caso “Bom Dia Angola”*, alinha-se com o ponto 16 da agenda 2030 da ONU¹⁴

¹⁴ <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/amp/> acedido a 12 de março de 2019.

sobre sociedades inclusivas e estabelece o sentido geral da sua intervenção a partir dos seguintes objectivos:

(I) Geral – identificar como se processa a comunicação plurilingue no programa “Bom Dia Angola” da TPA 1 em face das políticas linguísticas do país;

(II) Específicos – perceber quais as estratégias utilizadas na inserção e exclusão das línguas africanas no programa; identificar a forma como a língua portuguesa interage com as línguas africanas de Angola e perceber se o “Bom Dia Angola” é um reflexo das políticas linguísticas vigentes no país.

Sendo a pergunta de partida um enunciado daquilo que o pesquisador busca compreender, saber e elucidar melhor no seu projeto de pesquisa (Quivy e Campenhoudt, 2017: 32), levanta-se, aqui, a seguinte questão de partida: *Como se processa o plurilinguismo no programa “Bom dia Angola”?* Para tanto, e uma vez que a metodologia compreende a organização crítica das práticas de investigação (Almeida e Pinto, 1975: 20), adotou-se o método misto, cujo emprego nesta pesquisa justifica-se pelo seguinte:

As metodologias mistas apresentam-se como uma alternativa às tradicionais qualitativas e quantitativas defendendo que o uso das ferramentas metodológicas (métodos e técnicas de recolha de dados) para a recolha de informação de natureza descritiva (narrativa) ou numérica é independente da metodologia adotada, devendo o investigador centrar-se no problema em estudo, ou seja, na busca de resposta correta à questão inicial (Teddlie e Tashakori, 2009 *apud* Coutinho, 2014: 356).

O plano investigativo seguido para análise do objecto “Bom Dia Angola” é o estudo de caso. Esta abordagem é a mais indicada quando o tipo de perguntas de pesquisa corresponde a “como” ou “por que” (Yin, 2001: 32). Ademais, “o estudo de caso envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o caso” (Coutinho, 2014: 335), conseguindo compreender a sua atividade no âmbito de circunstâncias importantes (Stake, 2016: 11).

Assim, o tratamento de todas as informações será feito pela lógica indutiva, na medida em que o foco principal é proporcionar uma compreensão completa do plurilinguismo na TPA enquanto decisão de política linguística, tendo como base a sua execução no programa “Bom Dia Angola”.

2.2. Recolha de dados

Para recolha dos dados, recorreu-se a duas técnicas, nomeadamente a entrevista e a observação. Segundo Coutinho (2014:331), os dados obtidos a partir destas fontes têm um denominador comum: a sua análise depende fundamentalmente das capacidades integradoras e interpretativas do investigador.

Quanto à primeira técnica, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas ao Administrador de Conteúdos e ao Subdirector de Informação para as Línguas Nacionais, ambos na qualidade de programadores da TPA, os quais, doravante, serão identificados como entrevistados 1 e 2 (E1, E2).

Na visão de Denzi (*apud* Moreira 2007: 206) “a entrevista semi-estruturada é caracterizada pelo emprego de uma lista de perguntas ordenadas (para conseguir um contexto equivalente) e redigidas (para terem o mesmo significado) por igual para todos os entrevistados, mas de resposta livre ou aberta”. Neste sentido, o objetivo é ter uma visão comparada dos programadores relativamente às estratégias utilizadas na inserção e exclusão das línguas africanas no “Bom Dia Angola”. A entrevista neste estudo surge para confrontar e complementar os dados da observação.

Se o observador vê mas não participa é um observador não participante ou externo (Coutinho, *idem*: 331). Realizou-se, também, observação ao objeto “Bom Dia Angola” durante o mês de fevereiro. A observação foi possível mediante a gravação de tela das emissões online do programa com o suporte do aplicativo *Apower Record*, produto da Apowersoft¹⁵. Destas gravações, foram selecionadas as edições dos dias quatro, quinze, dezanove, vinte e vinte dois do mês de fevereiro de 2019.

Em Angola, o mês de fevereiro é dedicado à memória da luta armada de libertação nacional. Com a escolha deste mês, pretendeu perceber-se como isto pode impactar nos temas das notícias selecionadas no programa.

Ressalta-se que, no programa em análise, figuram oito línguas africanas, designadamente Fiote, Nganguela, Kikongo, Umbundu, kimbundu, Nyaneka, Tchokwe e Oshiwambo ou Oxikwanhama, no entanto apenas sete são emitidas diariamente. Por conta disto, este número perfaz a amostra selecionada. No presente estudo, as línguas africanas são tratadas no seu conjunto e não individualmente.

¹⁵ Apowersoft (APOWERSOFT LIMITED) é uma empresa localizada em Hong Kong, dedicada a oferecer soluções em mídia digital para usuários ao redor do mundo. Suas ferramentas permitem que os usuários criem conteúdo digital inovador através de capturas de tela, gravação de áudio e vídeo, processamento e conversão multimídia, etc. Mais informações em <https://www.apowersoft.com.br/>

Trata-se de uma amostragem não probabilística, ou seja, é uma amostragem intencional intensiva. Nesta, “escolhem-se os casos mais ricos e intensos que manifestem o fenómeno intensamente, mas sem extremos” (Coutinho, *ibidem*: 330).

Para a construção da grelha de observação que me pudesse servir para análise da forma e do conteúdo do objeto de estudo, adaptaram-se os procedimentos de Cunha *et al.* (2004), criando uma base de dados em que se pudesse quantificar a informação e, por fim, apresentá-la através de gráficos com suporte do software Excel. Para o efeito, a base de dados foi construída com 9 variáveis, agrupadas em duas categorias: Forma e Conteúdo.

As variáveis que integram a categoria da Forma são:

Var1 (ID) – Identificação referente ao bloco de notícias;

Var2 (Peça) – Atribuição de uma ordem à matéria de acordo com o aparecimento na emissão;

Var3. (Notícia) – corresponde ao título e subtítulo da matéria;

Var4 (Língua) – Distinção da língua em que a notícia é veiculada;

Var5 (Tempo da Notícia) – Tempo de exibição das notícias, em minutos e segundos;

Var8 (Respeito ao alinhamento) – Obediência ao guião do programa;

Var9 (Motivo) – Respeito ao alinhamento, de acordo com a ordem numérica, presença ou ausência e definição do género televisivo.

Por não se afigurarem relevantes, neste estudo, não serão apresentados os dados correspondentes às variáveis Identificação e título/subtítulo da notícia.

As variáveis que integram a categoria de Conteúdo são:

Var 6 (Tema) – Tema da Notícia;

Var7 (Género) – Televisivo da Notícia.

Nesta grelha, a variável-tema foi construída com base no *News Codes* do *International Press Telecommunications Council (IPTC)*. Trata-se de um grupo que abarca organizações de media de 50 países desde 1965, com a finalidade de desenvolvimento de padrões da indústria noticiosa¹⁶. O IPTC possui modelos criados para “*simplificar a distribuição de informações*”. O *News Codes* diz respeito aos conceitos que facilitam a codificação de notícias, nos mais diferentes formatos; a árvore de termos usada tem 17

¹⁶ Disponível em <https://iptc.org/about-iptc/>

,<http://show.newscodes.org/index.html?newscodes=medtop&lang=en-GB&startTo=Show> Acedido a 12/03/19.

conceitos, sendo que cada termo é estendido de 3 a 5 níveis. Para o presente estudo, os subníveis não se afiguram importantes, pelo que não serão aqui especificados.

A temática dos termos será dividida nos 17 termos: artes, cultura e entretenimento; crime, lei e justiça; acidentes e desastres; economia, negócios e finanças; educação; ambiente; saúde; interesse humano, trabalho; estilo de vida e lazer; política; religião; ciência e tecnologia; sociedade, desporto; guerra e paz e tempo.

Quanto à variável *género* da notícia, foi codificada com base no *Manual de Jornalismo de Televisão*, de Oliveira (2007: 9). Assim, as peças assumiram os seguintes nomes:

- *Off* – ocorre quando a parte técnica da televisão “régie”¹⁷ lança imagens e o apresentador fala sobre elas. Emprega-se, habitualmente, em assuntos de menor valor noticioso e em questões de última hora;
- *Off boca* – trata-se de um off seguido de depoimentos, que acrescentam e dão validade ao off;
- *Peças de telejornal* – são peças curtas, lidas e escritas por um repórter/redactor e editadas, na maioria dos casos, com recurso a imagens de arquivo da estação;
- *Reportagem de telejornal* – compreende a matéria jornalística que tenha depoimentos de testemunhas, especialistas ou envolvidos. Podem, também, ser acompanhados da presença dos jornalistas na narrativa; *Grande Reportagem* ou *Documentário* – trata-se de reportagens longas e de investigação.

As cinco edições observadas foram confrontadas com igual número de alinhamentos.

2.3. A Unidade de Análise

No presente estudo, o caso escolhido é o programa “Bom Dia Angola”, no ar na TPA 1, desde 25 de Maio de 2007. Trata-se de um telejornal de informação contínua com três horas de emissão, dividido em seis blocos informativos, sendo que o quarto bloco é a reposição do Telejornal das vinte horas do dia anterior, ao passo que o quinto e o sexto são reposições do primeiro e do segundo bloco respetivamente.

Nas cinco edições observadas, em língua portuguesa, as variáveis Temas, Tempo e Género da Notícia, são contabilizadas até ao quarto bloco, já que o quinto e o sexto blocos são repetições do primeiro e segundo, respetivamente. Mas, as variáveis Respeito ao Alinhamento e Motivos serão contabilizadas até ao último bloco. Por outro lado, incluíram-se as notícias do compacto internacional, do desporto e outras que aparecem por acréscimo no sexto bloco.

¹⁷ *Corresponde à cabina ou local para controlo técnico de uma emissão de televisão.*

Quanto às línguas africanas de Angola, a variável Tempo da Notícia será contabilizada até ao sexto bloco, na medida em que a distribuição das diferentes línguas africanas se estende até ao final do programa.

A escolha do objeto de análise dá-se pelas seguintes razões:

- a) é emitido no canal de acesso livre, *TPA 1*, a que todo o cidadão pode aceder sem custos;
- b) é o programa televisivo mais alargado na televisão angolana;
- c) é o único programa no país em que as línguas africanas de Angola coexistem com a língua portuguesa;
- d) e, por fim, por este ser emitido no canal mais visto em Angola - *TPA 1*¹⁸.

A análise do programa exclui aspetos da identidade gráfica como: vinhetas de aberturas do programa, separador de blocos, bem como os sintagmas individuais como os *spots* publicitários. Aqui, analisa-se apenas o programa em fluxo.

CAPÍTULO III: Apresentação e Discussão dos Resultados

Atendendo ao objetivo que visa identificar como a Língua Portuguesa interage com as línguas africanas no “Bom Dia Angola”, estruturou-se o trabalho sob os aspetos análise da forma e do conteúdo. Assim sendo, os gráficos seguintes “2 e 3” espelham a interação em tempo das línguas africanas de Angola e a Língua Portuguesa nas cinco edições do programa; o gráfico 4 representa a ordem em que as notícias são inseridas no cômputo geral; os gráficos “5 e 6” indicam o tema dominante entre as línguas portuguesa e africanas e, por último, os gráficos “7 e 8” que representam o género da notícia dominante entre os dois grupos de língua em comparação neste estudo.

3.1. Análise da Forma

O gráfico que se segue espelha a interação em tempo das línguas africanas de Angola e a Língua Portuguesa nas cinco edições do programa “Bom Dia Angola”,

¹⁸ <https://banda.sapo.ao/tv/atualidade-tv/artigos/tpa-1-ocupa-primeira-posicao-na-audiencia-em-angola>

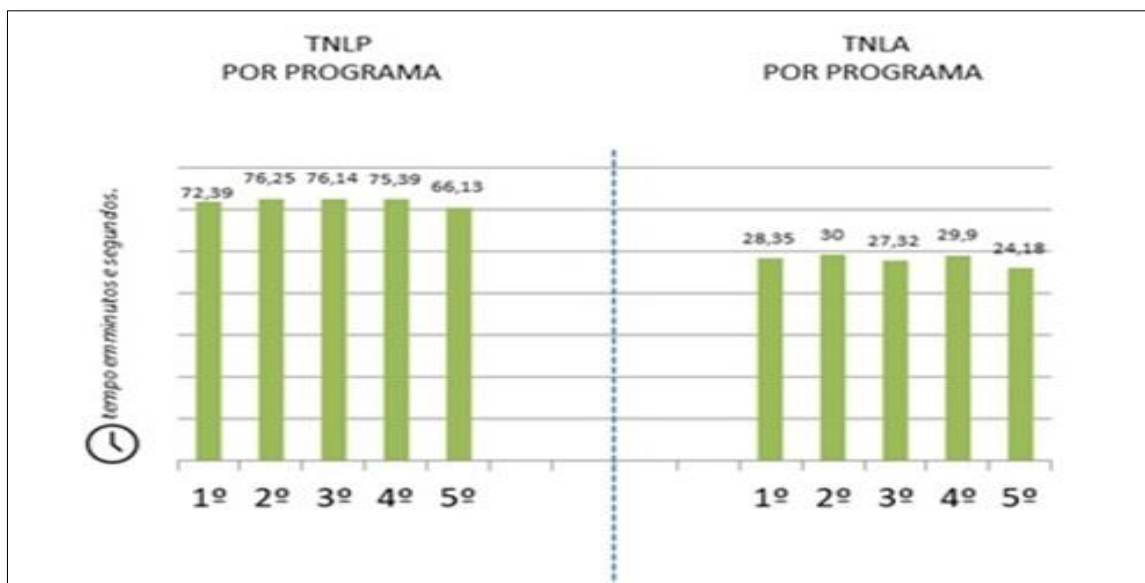


Gráfico 2: Indicador do tempo da notícia por programa em línguas portuguesa e africana
 TNLP: Tempo da Notícia em Língua Portuguesa e Africana
 Autor: Elaboração própria

Assim, dos dados recolhidos, no total foram identificados 366 minutos e 3 segundos de notícias em língua portuguesa e 139,75 do tempo total de notícias em línguas africanas de Angola.

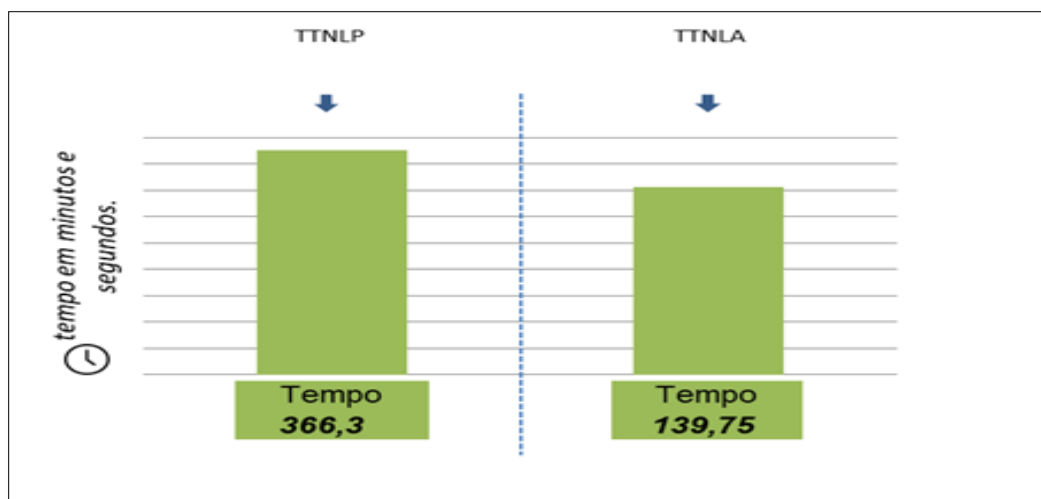


Gráfico 3: Indicador do tempo total das notícias em línguas portuguesa e africana
 TTNP: Tempo Total Notícia em Língua Portuguesa e Africana
 Autor: Elaboração própria

Ao longo das cinco edições foram registadas 378 peças, das quais 50 respeitavam o alinhamento e outras 328 não obedeciam à ordem, representando uma percentagem de 86,77%.

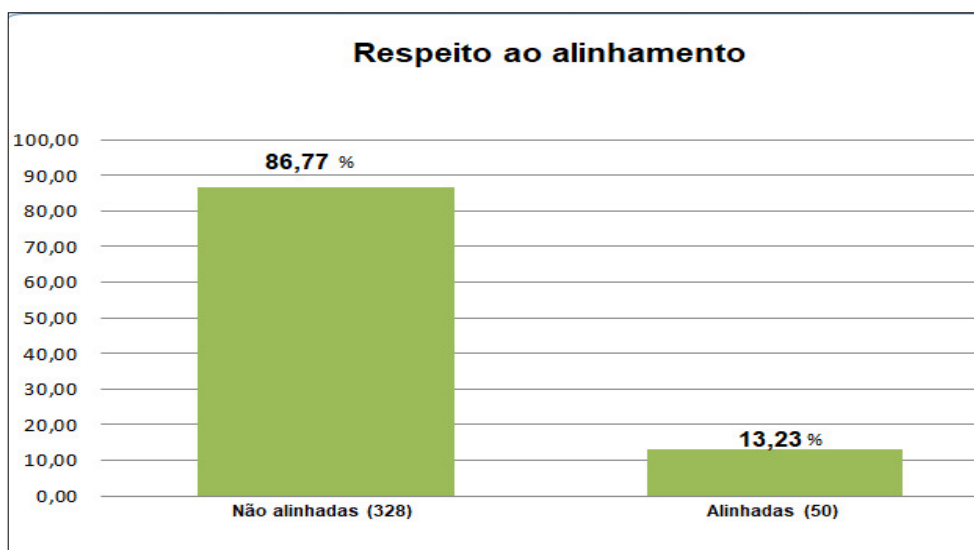


Gráfico 4: Indicador total de respeito ao alinhamento dos cinco programas analisados.

Autor: Elaboração própria

3.2. Análise do Conteúdo

Segundo Weber (1990), citado por Lima (2013: 1), a análise de conteúdo é uma técnica que permite a classificação de material, reduzindo-o a uma dimensão mais manejável e interpretável, e à realização de inferências válidas a partir desses elementos.

A análise de conteúdo, como já referido, foi construída de acordo com as seguintes variáveis: Tema da Notícia e Género Televisivo da Notícia. Na variável Tema da Notícia, foram identificadas, no total das cinco edições, os seguintes temas: sociedade; arte, cultura e entretenimento; economia, negócios e finanças; saúde; desporto; crime, lei e justiça; interesse humano; religião; ambiente; educação; acidentes e desastres; política.

Saliente-se que na primeira e terceira edições do programa em língua africana não houve notícias dominantes, houve cinco e quatro notícias diferentes, respetivamente. Assim, no primeiro programa, registaram-se os seguintes temas: 1 de sociedade; 1 de arte, cultura e entretenimento; 1 de trabalho; 1 de crime, lei e justiça e 1 de desporto. No terceiro programa, registaram-se os seguintes temas: 1 economia, negócios e finanças, educação, saúde, crime lei e justiça.

Abaixo, seguem os temas predominantes por programas quer em língua portuguesa como em língua africana.

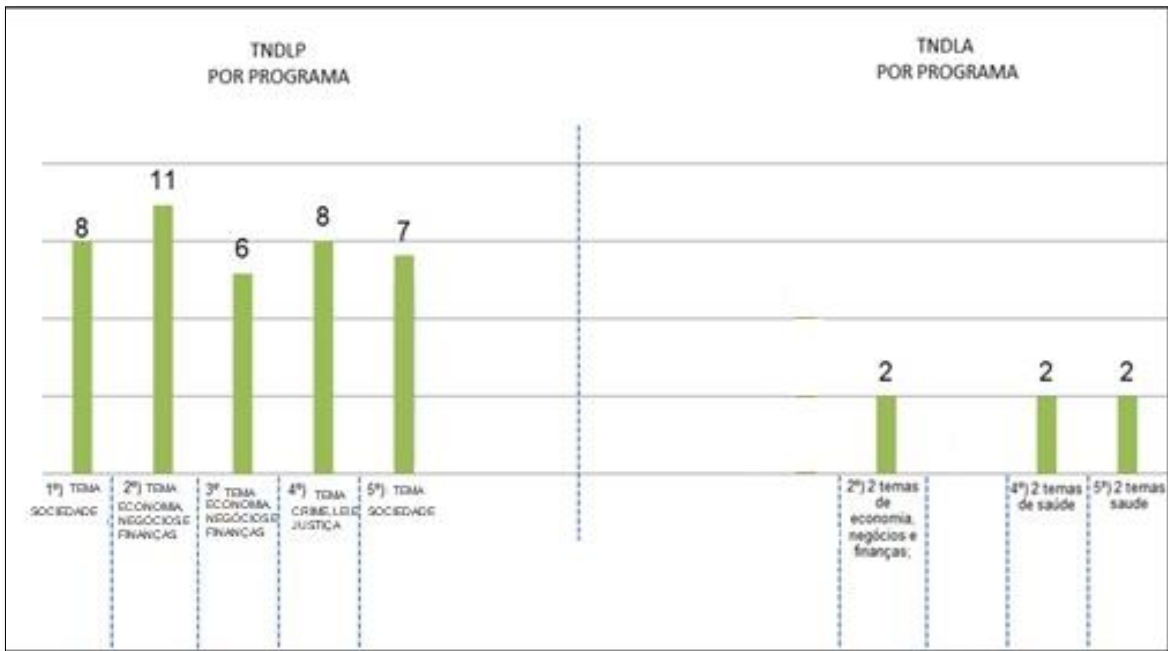


Gráfico 5: Indicador da notícia dominante em línguas portuguesa e africana por programa
 TNDLP: Tema da Notícia Dominante em Língua Portuguesa/Africana
 Autor : Elaboração própria

Do total da amostra, dos cinco programas analisados, predominaram os temas de sociedade; economia, negócio e finanças, em língua portuguesa, e temas de saúde; economia, negócios e finanças e, por fim, crime lei e justiça, em língua africana.

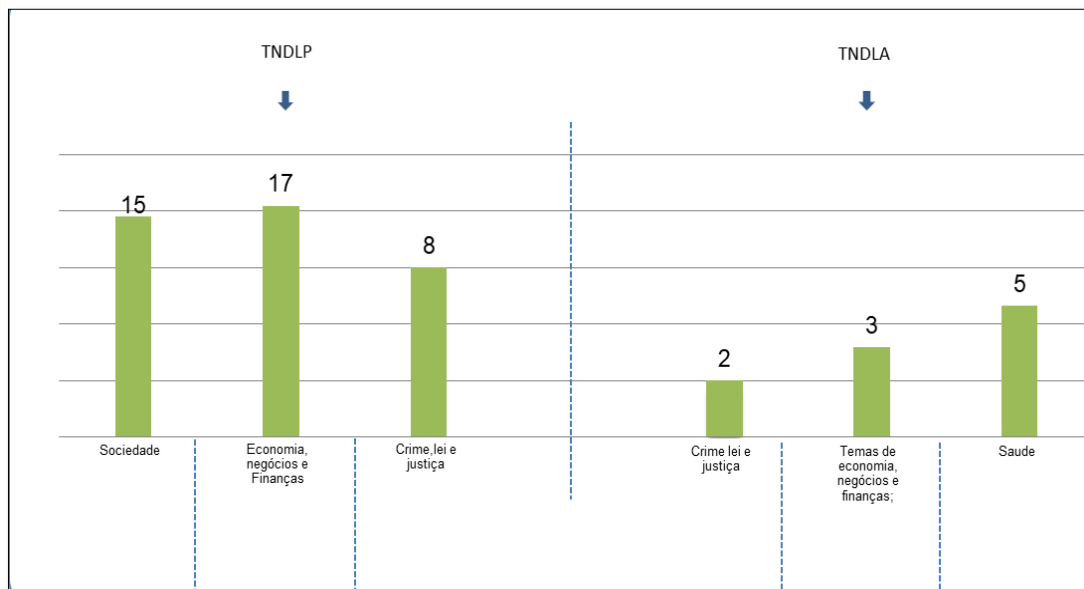


Gráfico 6: Indicador da notícia dominante do total da amostra em línguas portuguesa e africana
 Autor: Elaboração própria

Na variável Género, foram registadas as reportagens de telejornais, os offs, off boca, grande reportagem e peça de telejornal. Para a língua portuguesa foram apresentadas,

considerando o total da amostra, 140 reportagens de telejornal, seguidas de 46 offs, 10 offs boca, 4 grandes reportagens e 2 peças de telejornal. Nas línguas africanas de Angola, foi registado um único género de notícias, 20 offs.

Deste modo, o gráfico que se segue mostra os géneros dominantes entre a língua portuguesa e as línguas africanas de Angola por programa:

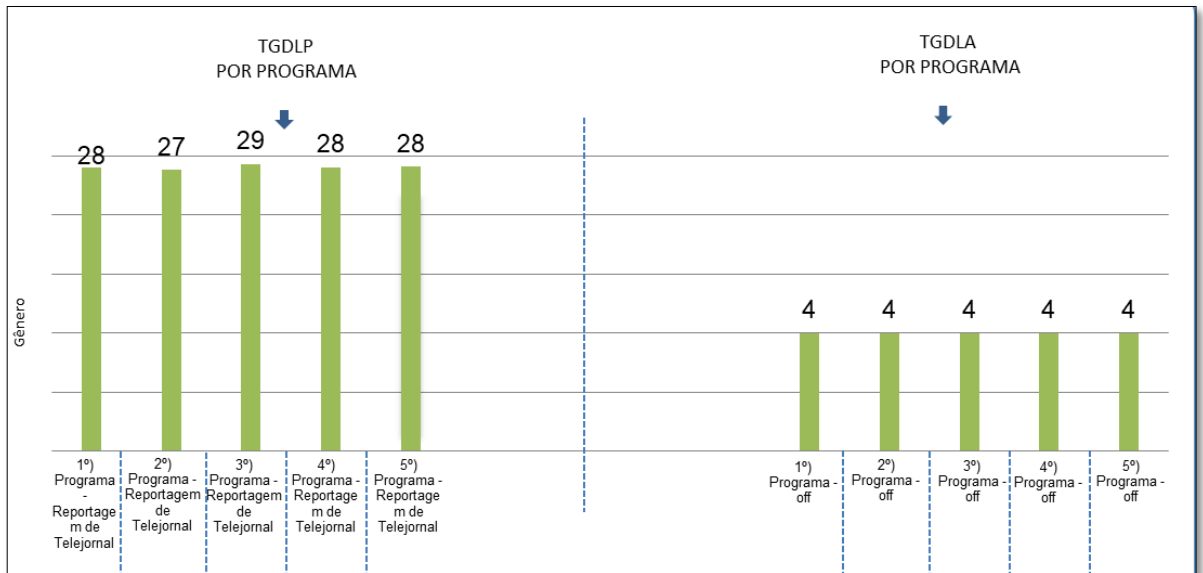


Gráfico 7: Indicador do género da notícia dominante por programa
 TGDLP: Tipo de Género Dominante em Língua Portuguesa /Africana
 Autor: Elaboração Própria

140 reportagens de telejornal em língua portuguesa e 20 offs em língua africana foram o total de géneros dominantes de notícia do total da amostra:

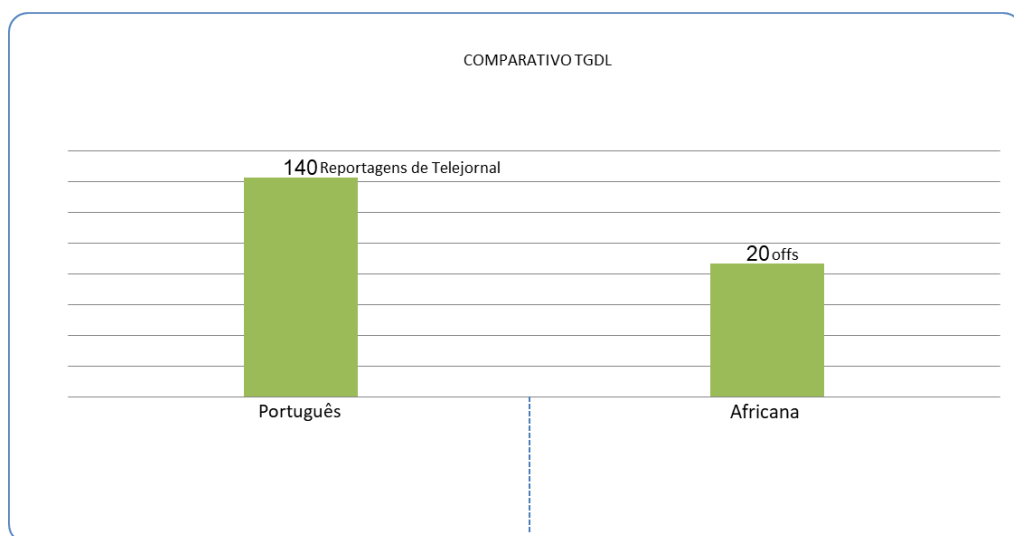


Gráfico 8: Indicador do género dominante do total da amostra
 TGDLP: Tipo de Género Dominante em Língua Portuguesa e Africana
 Autor: Elaboração própria

3.3. Análise das Entrevistas

Para atender ao assunto em investigação nesta dissertação, efetuaram-se duas entrevistas com o propósito de obter dados e aferir as ideias que estão na base da implementação das línguas africanas no programa “Bom Dia Angola” da *TPA 1*. Neste sentido, o critério para escolha dos depoentes fundamentou-se na função, ou seja, foram selecionados indivíduos que tivessem um maior envolvimento direto com a gestão dos conteúdos informativos dentro da empresa *TPA*. Daí a escolha dos *E1* e *E2*.

Os excertos selecionados das entrevistas buscam responder ao seguinte objetivo: perceber quais as estratégias utilizadas pelos entrevistados na inserção e exclusão das línguas africanas de Angola no programa.

Assim, na tentativa de saber a opinião dos entrevistados sobre as estratégias utilizadas para a inserção e exclusão das línguas africanas de Angola no programa as respostas foram divergentes como indicam as falas:

E1: “(...) Lembro-me de ter sido feito com organismos internacionais, a seleção; e o critério foi irmos para os grandes grupos de onde surgiram os subgrupos. Portanto, humanamente era impossível ter perto de 80 ou 100 línguas que são faladas em Angola pelos vários subgrupos refletidos na televisão (...)”.

E2: “(...) Até aqui, temos 8 línguas na Televisão Pública de Angola. Se formos um pouco ao pé da letra do que são as línguas verdadeiramente africanas no nosso país, todas elas estão inseridas aqui”.

Os entrevistados acreditam que as línguas que figuram no espaço representam a unidade do mosaico etno-linguístico nacional, nesse sentido ambos os entrevistados afirmam:

E1: “(...) As oitentas línguas do nosso país são agrupadas em grupos étnicos, portanto, só no grupo étnico Umbundu somos capazes de encontrar 20 ou 30 subgrupos. Nós temos os grandes aqui representados. Há aqueles grupos étnicos que são minoritários e que pela sua natureza e porque se deslocam muito, corre-se, nalguns casos, o risco deles irem diminuindo, como é caso dos Boshimanes, para os quais não temos programas específicos, mas nós temos estado, sempre que possível, a fazer incursões para trazer um pouco da cultura e a história à realidade dos demais”.

E2: “(...) Temos estado a receber muitas solicitações de inclusão de povos que também se comunicam noutras línguas, mas nós entendemos que são apenas

sub-línguas de algumas que nós temos cá dentro (...). Temos enquadradas no espaço “Bom Dia Angola” as oito (8) línguas: Fiote, Nganguela, Kikongo, Umbundu, kimbundu, Nyaneka, Tchokwe e Oshiwambo(...)”.

Ainda sobre as estratégias utilizadas pelos entrevistados, acrescenta-se a estrutura-ordem de aparecimento das línguas africanas na emissão, a que responderam:

E1: “Não existe critério nenhum. É aleatório, complementamente aleatório. Não temos grupos que se subordinam a outros (...)”.

E2: “Está tudo programado, mas, por questões lógicas, não seguimos a ordem. O preenchimento do espaço é feito mediante a disponibilidade imediata dos pivôs”.

3. 4. Discussão dos Resultados

O plurilinguismo na *TPA1* expressa-se através de dois programas: Jornal Nacional e Bom Dia Angola. Este último é o objeto desta pesquisa, ponto pelo qual se pretende demonstrar a sua relação com a política linguística existente no país, ao mesmo tempo perceber se o programa é um reflexo desta política linguística, ou não.

A partir dos dados apresentados pelos gráficos 2 e 3, é possível pontuar a diferença de tempo entre a emissão em língua portuguesa e em línguas africanas de Angola. No total das edições analisadas bem como por programa, a língua portuguesa assume o maior espaço de emissão, tendo mais do que o dobro do tempo de antena das línguas africanas de Angola.

Quando confrontada esta diferença de tempo dada às línguas africanas com os depoimentos dos programadores confirma-se haver pouca carga horária para as notícias veiculadas em língua africana. E, mais, confirma o excerto do E1 que as línguas africanas não representam a essência do programa ao mesmo tempo em que o E2 sublinha a insuficiência de tempo para as línguas que coordena:

E1: “Bom Dia Angola é um jornal matinal que precisa dar a primeira informação do dia (...) e como nós achavamos que era mais abrangente dar estas informações em todas línguas, temos lá pequenos momentos onde desfilam as outras principais línguas para fazermos o resumo daqueles que são os principais assuntos”.

E2: “É bastante exíguo. Nós temos aí 2 minutos ou 1.50 para cada língua. Se formos multiplicar por 7, temos aproximadamente catorze minutos de antena para as línguas nacionais no “Bom Dia Angola (...)”

Da leitura do gráfico 5, sobre os temas dominantes por programa, sobressaem mais assuntos sobre a língua portuguesa por conta do maior tempo em que as notícias são dadas nesta língua. Apesar do tempo, os temas que dominam em língua portuguesa e em línguas africanas são os mesmos, na medida em que as línguas africanas integram também no seu guião grande parte das notícias que perfazem a agenda noticiosa do dia, exceto a ausência do tema de sociedade para as línguas africanas que foi substituído pelo tema de saúde tal como ilustra o gráfico 6.

Ainda refletindo sobre os dados do gráfico 6, pode, apesar da vantagem em número dos temas em português, reconhecer-se algum equilíbrio com as línguas africanas, pelo facto de este último sumarizar os mesmos assuntos passados em português. Deste modo, parecem estar cobertos de validade os argumentos dos entrevistados, segundo os quais a proeminência da matéria seria o critério mais relevante na seleção das notícias a integrar nos blocos informativos das línguas africanas:

E1: “As notícias não são selecionadas com base em nenhum critério uniforme. Dependem da sua proeminência. Se a proeminência for desporto, abre com desporto, se for cultura, abre com cultura, se for sociedade abre com sociedade. Não existe um critério pré-definido (...) as notícias que intervêm na síntese em línguas africanas são resumo das notícias que são veiculadas em Língua Portuguesa e, como tal, não têm um cenário pré-definido de onde devem acontecer. Não há autores específicos”.

E2: “A prioridade recai na atualidade das matérias (...)”.

Ao escolher o mês de fevereiro para o recorte temporal do *corpus* de análise partiu-se do pressuposto de que a data dedicada à memória do início da luta de libertação nacional em Angola teria uma forte influência sobre os resultados dos temas a serem tratados no programa, quer em Língua Portuguesa quer em línguas africanas, facto que não se observou, pois não se registou a predominância de assuntos ligados ao tema de artes, cultura e entretenimento que seria o maior indicador da presença desta data histórica nas edições do programa em análise. Note-se que seriam temas para esta categoria todos os assuntos históricos com referência à comemoração.

Outro aspeto a reter está relacionado com o depoimento do entrevistado 2, em que afirma que “as notícias que intervêm nos jornais são resumo das notícias que são veiculadas em Língua Portuguesa”. A partir disso, depreende-se que as línguas africanas se subordinam à língua portuguesa, não tendo autonomia funcional na estruturação dos temas, ou seja, primeiro pensa-se em português e depois em línguas africanas.

O género televisivo apresenta diferenças expressivas. O mesmo fica evidente nos gráficos “7 e 8”, em que é possível perceber que a relação entre a língua portuguesa e as línguas africanas de Angola se polariza, em todas as edições, entre reportagens de telejornal e offs. Isto justifica o facto de a língua portuguesa ter aparecido nos gráficos “2 e 3” com maior fasquia do tempo de antena.

Olhando para as definições expostas sobre estes géneros jornalísticos, conclui-se que, numa escala de valor, os offs teriam menos importância no jornalismo televisivo que as reportagens de telejornal, que oferecem ao telespectador maior tempo e elementos noticiosos.

Ademais, embora não apareçam como notícias dominantes, ao longo das emissões em língua portuguesa aparecem todos os géneros televisivos, nomeadamente off boca, offs, peça de telejornal e a grande reportagem, ao passo que, em línguas africanas, o género se mantém inalterável tanto no tipo (off) como em quantidade (4).

Com esta disparidade de género televisivo, questiona-se o cumprimento dos objetivos a que se propõe esta comunicação plurilingue no “Bom dia Angola” da *TPA1*, fundamentados nos princípios da “coesão nacional” em que “todos compreendessem a mensagem que o programa veicula”.

No aspeto da variável Alinhamento, procurou-se perceber como estava estruturado o programa em si. Neste caso, a percentagem das peças jornalísticas desalinhasadas (gráfico 4) revela que o “Bom Dia Angola” é um programa que apresenta irregularidade, traduzida na não obediência à ordem de emissão das notícias. Este quadro permite, de certa forma, concluir que se trata de um programa que desconhece o público-alvo.

Retomando um dos critérios para a construção do alinhamento sugerido por Carla Cruz (2014: 110), no primeiro capítulo, os hábitos quotidianos, os horários e o tempo de emissão das matérias refletem a disponibilidade que os diversos públicos têm para o visionamento do programa. Ademais, defende Fernandes (2013: 23-24): “as audiências que um determinado programa consegue atingir ditam o maior ou menor interesse publicitário das empresas e, conseqüentemente, ditam, também, as receitas que um canal pode arrecadar.”

Tendo em conta que a emissão das línguas africanas se subordina à estrutura do alinhamento central (entenda-se, do Bom dia Angola), estaria ela também desalinhasada em consequência da própria macro-estrutura em que se insere. De outro modo, as palavras dos entrevistados sobre as estratégias utilizadas para inserção das línguas africanas atestam isso mesmo, ou seja, os programadores confirmam que “não existe critério” e que “o preenchimento do espaço é feito mediante a disponibilidade imediata dos pivôs”.

Com o modo de organização das notícias no alinhamento, ocorre a pergunta: *estariam as línguas africanas a atender ao público-alvo?* De acordo com as respostas dos

entrevistados, no melhor dos casos, existem alguns estudos de audiência e, no pior dos casos, apenas contactos episódicos no dia-a-dia com telespetadores interessados em fazer sugestões:

E1: “(...) Nós pegamos nos estudos que são feitos pelas empresas especializadas e vemos onde estamos bem e onde não estamos, onde precisamos investir e onde é que não (...). Na nossa grelha de programas sabemos onde é que temos pico e onde é que não temos, onde é que temos debilidade e onde é que não temos e é sobretudo aí onde incide a nossa preocupação em criar conteúdos específicos para os horários (...)”.

E2: “(...) Não temos estudos científicos, a estação não nos munuiu com esta ferramenta, mas a reacção das pessoas com quem nos deparamos no dia-a-dia tem sido um indicador de satisfação sobre o qual nos servimos para elaboração de conteúdos para o programa (...)”.

O depoimento do E1, apesar de fazer referência à existência de estudos de audiência, não fala com precisão de um estudo direccionado ao programa “Bom Dia Angola”.

Até onde se sabe, os únicos estudos de maior amplitude sobre consumo de media em Angola foram feitos pela empresa Marktest¹⁹. No estudo de 2017, por exemplo, a televisão em Angola é apontada como órgão da comunicação social com menos audiência no período da manhã, facto que permite questionar, apesar de ser um estudo circunscrito à capital do país, Luanda, o argumento do E1 sobre a criação de conteúdos específicos para os horários, ou seja, as línguas africanas estariam adaptadas à realidade horária?

Tendo em vista que o programa “Bom Dia Angola” é emitido das 6 às 9h, o gráfico abaixo com a percentagem da audiência ao longo do dia pode ser uma resposta ou, pelo menos, um indicador de resposta à questão colocada:

¹⁹ <https://www.marktest.com/wap/a/grp/e~9.aspx>

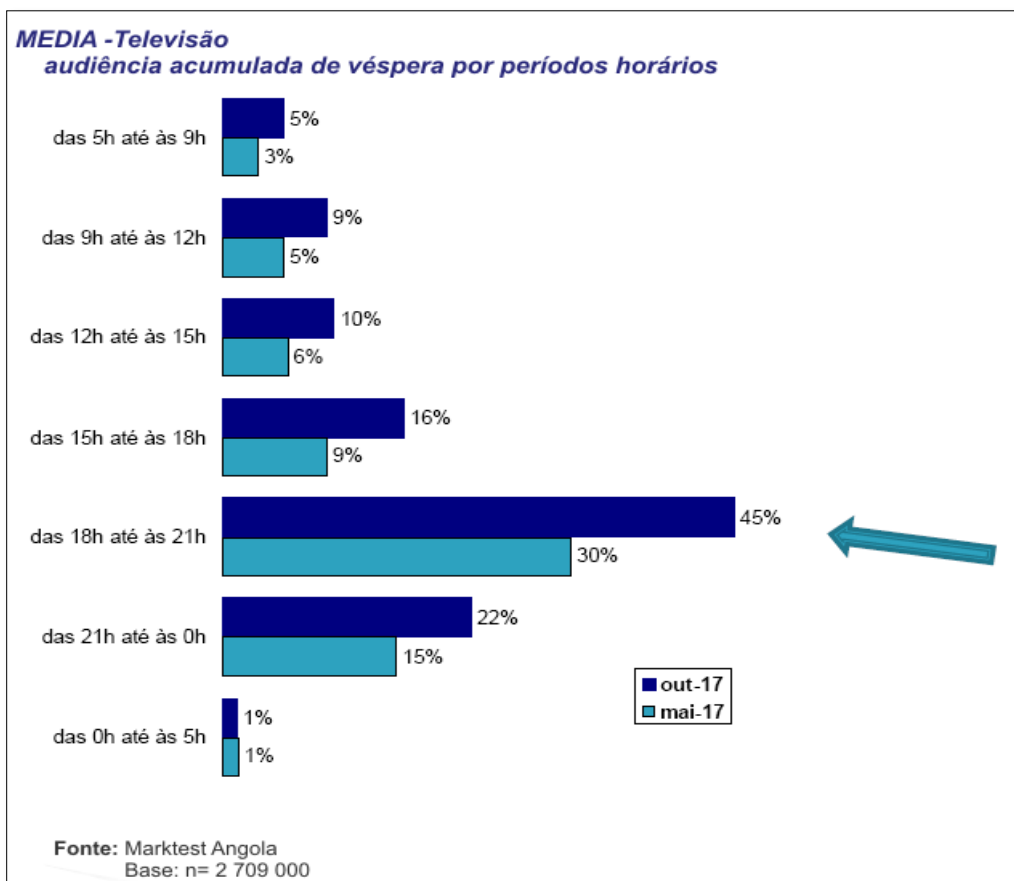


Gráfico 9: Indicador de consumo de media televisão em Angola, 2017

Fonte: Marktest²⁰

Como mostrado no capítulo I, Angola é marcada por uma enorme diversidade de falantes das línguas africanas que não estão, até ao momento, claramente identificadas quer pelas estatísticas oficiais quer pelos trabalhos científicos.

Por exemplo, retomando os dados do último censo geral da população e habitação de 2014, sobre as línguas faladas em casa em Angola (gráfico 1), constata-se a existência de dez línguas: Luvale, Muhumbi, Kwanhama, Fiote, Tchokwe, Kimbundo, Kikongo, Umbundu, Nganguela e Nhaneka, ao passo que estudos científicos de Redinha (1974) classificam a existência de nove grandes grupos linguísticos no país, nomeadamente Kicongo, Quimbundo, Tchokwe, Umbundu, Ganguela, Nhaneca-humbe, Oshikwanhama, Herero e Xindonga.

Evidencia-se ainda que apenas foram estudadas as línguas Kikongo, Umbundu, kimbundu, Tchokwe, Mbunda e Oxikwayama ou Oshiwambo pelo Instituto de Línguas Nacionais no país.

²⁰ <https://www.marktest.com/w'ap/a/n/id~2316.aspx>

Mesmo não sendo objeto de análise neste estudo a diversidade linguística ao nível nacional, e sim no programa “Bom Dia Angola” da *TPA1*, os dados acima revelam acentuada incoerência entre as línguas estudadas pelos órgãos nacionais e as línguas incorporadas no programa, uma vez que são reconhecidas seis línguas pelo ILN e aparecem oito na programação analisada.

Conclui-se, deste modo, que o processo de inserção das línguas no programa é tão difuso quanto à política linguística vigente no país que se revela implicitamente monolíngue por adotar a língua portuguesa como língua oficial e atribuindo às demais um valor patrimonial e cultural.

Considerações Finais

De uma maneira geral, após a observação das entrevistas, olhando para os objetivos elencados nesta dissertação, verifica-se que, à semelhança das políticas linguísticas vigentes no país, não são claras as estratégias de inserção das línguas africanas no programa “Bom dia Angola”, por isso favorece a Língua Portuguesa, dando-lhe predominância.

Ainda sobre o objetivo “como se processa o plurilinguismo no Bom Dia Angola”, percebeu-se que não há um alinhamento entre as línguas africanas estudadas cientificamente com o número de línguas inseridas no programa, isto é, a estação emite em oito línguas africanas, nomeadamente Fiole, Nganguela, Kikongo, Umbundu, kimbundu, Nyaneka, Tchokwe e Oshiwambo ou Oxikwanhama, ao passo que cientificamente estão estudadas seis, Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Mbunda, Oshiwambo e Cokwe. Se, por um lado, o programa insere duas línguas a mais, o Fiole e Nganguela, que não dispõem de dicionário e gramática próprios, por outro lado, exclui uma língua habilitada para prática letrada, o Mbunda, que é falada em Angola por 135.000 cidadãos nacionais²¹.

Para Além do Mbunda, o programa não insere as línguas dos povos *San*, do sul, que caracteriza os Khoisan de Angola, por serem considerados grupos minoritários. Isto quer dizer, de um lado, que o programa não está alinhado com o Instituto Nacional de Línguas Nacionais, órgão que se encarrega de estudar as línguas no país e, por outro lado, não existem estudos suficientes para identificar as línguas africanas de Angola, bem como as suas variantes-padrão.

Sobre as entrevistas, embora não seja o mérito desta pesquisa, note-se que, de acordo com a fala do E1, “as notícias que intervêm nas línguas nacionais são resumo das notícias que são veiculadas em língua portuguesa”, o que permite levantar outra questão: a qualidade destas traduções da língua portuguesa para as línguas africanas, uma vez que, como já foi discutido neste estudo, não se sabe ao certo o grau de proficiência dos angolanos em relação à língua portuguesa.

Após as análises da forma e do conteúdo, este trabalho confirma a hipótese segundo a qual o “Bom Dia Angola” é um reflexo das políticas linguísticas vigentes no país, pois, à semelhança da política linguística não declarada adotada pelo Estado angolano, coloca-se em vantagem a língua oficial que aparece no programa com mais tempo de emissão, 366 minutos e 3 segundos, enquanto as línguas africanas de Angola aparecem durante 139 minutos e 75 segundos. Pode concluir-se que grande parte da população que se comunica nas línguas africanas de Angola se mantém à margem de boa parte das informações que o programa emite.

²¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Língua_mbunda

Tais resultados não só exprimem a maior relevância atribuída à língua portuguesa dentro do espaço informativo, como também, em consequência, fazem concluir que o “Bom Dia Angola” não está integralmente a exercer um serviço público de televisão devido à inobservância de dois dos princípios clássicos (Lopes, 1999), nomeadamente o *princípio da igualdade*, que advoga que os telespectadores são detentores do direito à não-discriminação, e o *princípio da continuidade* – o “Bom Dia Angola” revela em seu grau de desalinhamento que não tem em linha de conta os horários de visualização por parte do público telespetador, demonstrando que é um programa com características irregulares.

Conclui-se, igualmente, que, de certa forma, há uma intenção premeditada no programa na exclusão da boa parte da *agenda setting* para o público telespetador em línguas africanas de Angola como ficou observado na quantidade de temas dominantes a que esse público teve acesso na totalidade dos programas analisados.

Por fim, ainda que não de uma forma absolutamente categórica, pode apontar-se o “Bom Dia Angola” como um espaço de aprendizagem das línguas, uma vez que a exposição continuada dos telespetadores ao programa dá-lhes a assimilação de traços linguísticos antes desconhecidos.

Como sugestões para o melhoramento da comunicação plurilingue na estação *TPA1*, seguem-se os seguintes pontos:

- a criação de diários informativos regionais nas dezoito províncias do país com o resumo da agenda noticiosa do dia em língua local. Para tal, seria preciso identificar, num trabalho conjunto com o Instituto de Línguas Nacionais, a variante linguística padrão por região, bem como estabelecer como pré-requisito para admissão à profissão de jornalista nestas localidades o domínio do português e da variante padrão que, eventualmente, for identificada. Os profissionais com estas valências seriam estimulados com um acréscimo no ordenado (veja-se Mabosso, 2015);
- As emissões regionais podiam emitir flashes informativos nesta variante padrão de 5 ou 10 minutos em momentos específicos, como no momento em que a *TPA 1* está a emitir passatempos internacionais;
- Sugere-se, ainda, que as estações regionais promovam *soundbites* ao longo da emissão nos pequenos intervalos da estação nacional. Em caso de o autor do ato da fala não comunicar na variante padrão, far-se-ia tradução/interpretação;
- Por último, propõe-se a extensão da comunicação plurilingue a um horário que lhe permite um melhor visionamento, preferencialmente, no período entre as 14 e 15 horas, de acordo com o gráfico 9, período em que há uma maior audiência em relação ao período actual de emissão. Nesse horário, nas

zonas rurais do país, as pessoas se recolhem em casa após virem dos campos agrícolas. De todo o modo, um estudo de audiência seria sempre o melhor indicador para implementação do programa.

Referências Bibliográficas

- Amândio, Keita Divalda De Assis (2011), *Importância Do Jornalismo em Línguas Nacionais*”, Monografia em Jornalismo, Departamento de Ciências da Comunicação, Luanda, UNIA.
- Almeida, João Ferreira e José Madureira Pinto (1975), *Teoria e investigação empírica nas ciências sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- António, Manuel (2001), *Serviço público de televisão Angola, face ao modelo Europeu*, Dissertação de mestrado em sociedades e Políticas Europeias, Lisboa, ISCTE.
- Banza, Ana Paula (2014), *O Português em Angola: uma questão de política linguística*, em Fiéis, Alexandra, Maria Lobo & Ana Madeira, (orgs). *O Universal e o Particular. Uma vida a comparar*. Homenagem a Maria Francisca Xavier, Lisboa, Edições Colibri, pp. 29-38.
- Botelho, Alberto Manuel Sona, (2017), *A televisão em Angola no pós-guerra*, Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Porto, Departamento de Letras, FLUP.
- Calvet, Jean Louis (1993), *Que Sais-Je La Sociolinguistique*, Paris, Puf.
- Conselho Europeu (2001), *Quadro europeu comum de referência para as línguas– aprendizagem, ensino, avaliação*, Porto, ASA.
- Coutinho, Clara Pereira (2014), *Metodologia em ciências sociais e humanas: teoria e prática*, Coimbra, Almedina.
- Chicumba, Mateus Segunda (2013), “A Educação Bilingue em Angola e o Lugar das Línguas Nacionais”, comunicação apresentada no *IV Colóquio Internacional De Doutorandos*, realizado no âmbito das investigações do CES, 6 e 7 de dezembro de 2013, Coimbra.
- CRA-*Constituição da República de Angola* (2010), Luanda, Imprensa Nacional.
- Cruz, Carla Isabel Simões dos Santos (2014), *A Decisão editorial em televisão: o caso do telejornal da RTP*, Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, Lisboa, Departamento de Sociologia da Comunicação, Universidade Aberta.
- Da silva, Isabel, Maria Helena Pires, Neiva Maria Jung (2016), “*Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça*” *Uberlândia*, Vol.10, n.º 4, Outubro / Dezembro.
- Escola de Sociologia e Políticas Públicas (2014), *normas de formatação e apresentação gráfica e referências bibliográficas da dissertação ou trabalho de projeto de mestrado e da tese de doutoramento*, Lisboa, ISCTE.
- Fernandes, João e Ntongo Zavoni (2002), *Angola Povos e Línguas*, Luanda, Nzila.
- Fernandes, Patrícia Alexandra dos Santos (2013), *A influência das audiências nos alinhamentos televisivos: a greve geral*, Relatório de Estágio em Comunicação e Jornalismo, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- Gonçalves, Maria de Lurdes e Andrade, Ana Isabel (2007), *Disponibilidades e auto-implicação: desenvolvimento profissional e plurilinguismo*, Porto Alegre, Setembro / Dezembro.
- Gonçalves, António Custódio (Org.) (2001) “Multiculturalismo, Poderes e Etnicidades na África Subsariana, Comunicação apresentada no *IV Colóquio Internacional Multiculturalismo, Poderes e Etnicidades na África Subsariana*, FLUP, Porto, 2002.
- INE-Instituto Nacional de Estatística (2016), *Censo 2014*, Luanda.

Leite, Ilka Boaventura (2015), *Línguas atuais faladas em Angola: entrevista com Daniel Perez Sassuco*, Textos e debates (online), n.º 13, Florianópolis, p 27.

Lima, Jorge Ávila (2013), "Por uma análise de conteúdo mais fiável", *Revista Portuguesa de Pedagogia* (online), PP 7-29 disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/29859>

Lopes, Felisbela (1999), *O telejornal e o serviço público*, Coimbra, Minerva.

Menezes, Maria José Jacinto Leonarda (2013), *O ensino bilíngue em Moçambique: entre a casa e a escola*, Tese de doutoramento em Letras, Departamento de Letras, Salvador, UFB.

Moreira, Carlos Diogo (2007), *Teorias e práticas de Investigação*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

Moreira, Antônio Flávio e Vera Maria Candau (orgs), *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

Melo, Manuel Miguel (2010), *Diversidade genética nos principais grupos populacionais em Angola– Aplicação Forense*, Tese de doutoramento em ciências Médicas, Departamento de ciências biomedicas, Porto, Universidade do Porto.

Mudiambo, Quibongue (2013), *Da Lexicologia e lexicografia de aprendizagem ao ensino da língua portuguesa: no II Ciclo do Ensino Secundário: 10ª, 11ª, 12ª e 13ª classes na E.F.P. – Escola de Formação de professores "Cor Mariae" Do Uíje*, Tese de doutoramento em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, Lisboa, Departamento de Linguística, FCSH.

McCombs, Maxwel (2014), *Setting the Agenda*, London, Polity press.

McCombs, Maxwell e Donald Shaw (1972), *The Agenda-Setting Function of Mass Media* Oxford University Press, (online)Vol. 36, Nº.2 disponível em https://www.jstor.org/stable/2747787?origin=JSTORpdf&seq=1#page_scan_tab_contents último acesso em 12 de fevereiro de 2019

Oliveira, Jorge Nuno (2007), *Manual de jornalismo de televisão*, Lisboa, Cenjor.

Pedro, José (2018) Que políticas deve adotar um país Plurilingue como Angola?, comunicação apresentada no seminário da Sociedade Bíblica em Angola sobre tradução, Luanda.

Pinto, Manuel (Org) (2005), *Televisão e cidadania: contributo para o debate sobre o serviço público*, Braga, Campo das Letras.

Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (2017), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Recuero, Cavalheiro Pederzoli Ana (2001), O surgimento da Ciência Políticas Linguísticas e o ensino de Espanhol no Brasil, *Sociodialeto (Online)* Volume 5, n.º 13, Julho.

Redinha, José (1974), *Distribuição étnica de Angola*, 8.ª edição, Luanda, Centro de Informação e Turismo de Angola.

Rumphorst, Werner (2007), *Public service broadcasting- MODEL LAW*, EBU. Disponível em https://www.ebu.ch/CMSimages/en/leg_p_model_law_psb_210207_tcm6-50150.pdf último acesso em 12/02/2019

Saussure, Ferdinand (2006), *Curso de linguística geral*, São Paulo, Cultrix.

Santos, José Rodrigues (2015), *Comunicação*, Lisboa, Gradiva.

Savidan, Patrick (2010), *O multiculturalismo*, Lisboa, Tito Lyon de Castro.

Sena, Ana Rita Bernardino Craveiro (2013), *Modos e mecanismos de credibilidade no jornalismo televisivo O caso da SIC*, Dissertação de Mestrado em Artes e Letras, Departamento de Comunicação e Artes, UBI.

Songa, Eufrásia Nahako, Luciene de Oliveira Dias (2015), *Jornalismo e Identidades: Línguas Nacionais na Televisão Pública de Angola e o Exercício da Cidadania*, Intercom (online) Rio de Janeiro.

Stake, Robert E (2016), *A arte de investigação com estudos de casos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Teves, Vasco Hogan (1998), *História da Televisão em Portugal*, Lisboa, TV guia editora.

Thompson, Jonh Brookshire (1988), *A Mídia e a Modernidade*, Petrópolis, Vozes.

Torres, Eduardo Cintra (2011), *Televisão e o serviço público*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Venâncio, José Carlos (2001), *Multiculturalismo e Literatura Nacional em Angola* em Gonçalves, António Custódio (Org.) 2001 "Multiculturalismo, Poderes e Etnicidades na África Subsariana". Comunicação apresentada no IV Colóquio Internacional "Multiculturalismo, Poderes e Etnicidades na África Subsariana", FLUP, Porto, 2002.

Yin, Robert K (2001), *Estudo de caso: planeamento e métodos*, Porto Alegre, Bookman.

Zau, Filipe (2002), *Angola: Trilhos Para o Desenvolvimento*, Lisboa, Universidade Aberta.

Anexos

Esta entrevista visa apoiar um estudo sobre “**O Plurilinguismo**”

A mesma destina-se, igualmente, a fundamentar uma dissertação em comunicação, Cultura e Tecnologia da Informação, como um dos requisitos complementares conducentes à obtenção do grau de Mestre pelo ISCTE_IUL. As suas respostas e os dados recolhidos através desta entrevista serão confidenciais e utilizados exclusivamente para este fim.

Desde já, agradecemos a sua colaboração.

(Gravada, se consentida em áudio)

Duração: 30 Minutos

Local: TPA

Dia 10 de Setembro

GUIÃO 1

Entrevistado 1, Administrador de Conteúdos da TPA

1. Existe um instrumento de medição das preferências do público na TPA? Como funciona?
2. A definição de programas obedece a pesquisas de pré-teste de audiência?
3. Há programas direccionados para proteger as manifestações culturais em risco de desaparecimento? Quais?
4. A partir de que critérios A TPA elabora conteúdos para a diversidade etnolinguística de Angola?
5. Como explica o facto de o único programa que agrupa a língua portuguesa e as línguas africanas de Angola ser emitido no período da manhã?
6. Para além do português, há, no programa, 8 línguas africanas de Angola, porquê a escolha destas num país de mais 80 línguas africanas?
7. A ordem do aparecimento – alinhamento dos pivôs em línguas de Angola é determinada segundo algum critério? - Quais?
8. Que tipos de notícia são prioridades na síntese de notícias lidas pelos pivôs em línguas nacionais – política, económica, regional ou local? Porquê?

9. Os principais actores das notícias veiculadas no Bom Dia Angola são do meio rural ou urbano? Porquê?

10. Qual o objectivo da inclusão das línguas africanas de Angola no Bom Dia Angola?

Esta entrevista visa apoiar um estudo sobre “O **Plurilinguismo**”.

A mesma destina-se, igualmente, a fundamentar uma dissertação em comunicação, Cultura e Tecnologia da Informação, como um dos requisitos complementares conducentes à obtenção do grau de Mestre pelo ISCTE_IUL. As suas respostas e os dados recolhidos através desta entrevista serão confidenciais e utilizados exclusivamente para este fim.

Desde já, agradecemos a sua colaboração.

(Gravada, se consentida em áudio)

Duração: 30 Minutos

Local: TPA

GUIÃO 2

Entrevistado 2, SubDirector de Informação para as Línguas nacionais

1 -Qual a sua opinião em relação a inclusão das línguas africanas de Angola no Bom Dia Angola?

2 Quantas línguas africanas de Angola constam na emissão do Bom Dia Angola? Quais? Porquê?

3-Que tipo de conteúdos dominam as preferências do público das línguas africanas de Angola emitidos no Bom Dia Angola? Como sabe disto?

4.Há algum processo de administração e controlo da audiência do público em línguas africanas de Angola? Qual?

5. Como avalia o tempo de antena que é dado aos pivôs das línguas de Angola dentro do programa Bom Dia Angola? Qual seria o melhor tempo? Porquê?

6. Acha que o horário em que são emitidas as línguas africanas de Angola é adequado? Se tivesse que propor um outro horário, qual seria?

7. A editoria das línguas africanas de Angola conhece algumas culturas de Angola em extinção? Quais? Procuram resgatá-las? Como?

8. Como é organizado o alinhamento dos pivôs em Línguas Africanas no programa Bom Dia Angola?

9. Que tipos de notícia são prioridades na síntese de notícias lidas pelos pivôs em línguas nacionais - política, económica, regional ou local? Porquê?

10. Os principais actores das notícias veiculadas no Bom Dia Angola são do meio rural ou urbano? Porquê?

Grelha de Observação (modelo)

22 de fevereiro de 2019								
ID	PEÇA	NOTÍCIA	LÍNGUA	TEMPO DA NOTÍCIA	TEMA	GÊNERO TELEVISIVO	RESPEITA O ALINHAMENTO	MOTIVO
Bloco 1	1	ÈBOLA REFORÇO DE MEDIDAS DE BIOSSEGURANÇA NO ZAIRE	Port	00:02:09	Saúde	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem
Bloco 1	2	BAIA DO PORTO DO NAMIBE PROJETO DE INTEGRADO ARRANCA EM AGOSTO E TERMINA EM 2022	Port	00:03:02	Economia, negócios e finanças	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem
Bloco 1	3	AQUICULTURA A ALCANTARA DE INCENTIVOS CONDICIONA FOMENTO DA ACTIVIDADE NO HUAMBO	Port	00:02:09	Economia, negócios e finanças	Reportagem de telejornal	sim	Obedece a ordem
Bloco 1	4	DESMINAGEM DESTRUIÇÃO DE DIVERSOS MATERIAIS DE GUERRA NO MOXICO	Port	00:01:34	Guerra e paz	Reportagem de telejornal	Sim	Obdede a ordem
Bloco 1	5	COMUNIDADE DA HUPA EM PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA HUÍLA	port	00:01:54	Sociedade	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem
Bloco 1	6	AGRICULTURA DOAÇÃO DE MATERIAL AGRÍCOLA AOS JOVENS DA QUIÇAMA	Port	00:02:24	Trabalho	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem
Bloco 1	7	SAÚDE MENTAL EM MALANJE AUMENTO DE PESSOAS COM PERTURBAÇÕES	port	00:03:16	Saúde	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem

		REQUER CRIAÇÃO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO						
Bloco 1	8	HOSPITAL CENTRAL DO LUBANGO AUMENTA O NÚMERO DE DOENTES ABANDONADOS PELOS FAMILIARES	Port	00:02:01	Saúde	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem
Bloco 1	9	Notícias em línguas nacionais, Kikongo (síntese	Lingua africana Kikongo	00:03:34	1 sociedade, 2 saúde ; 1 economia, negócios e finanças	4offs	Sim	Não obedece a ordem
Bloco 1	10-14	COMPACTO INTERNACIONAL; APLICATIVO REVISTA DE IMPRESA ; APLICATIVO TRÂNSITO APLICATIVO ; TEMPO	Port	00:00:00			Não	Consta no alinhamento, mas não foram exibidas
Bloco 2	15	DEFESA ANTIAÉREA CHEFIAS DA FAN TRAÇARAM EM CABINDA NOVAS TAREFAS E MÉTODOS DE ACTUAÇÃO	Port	00:03:12	Guerra e paz	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem
Bloco 2	16	FAA APOSTA CONTÍNUA NA FORMAÇÃO, MODERNIZAÇÃO MELHORIA DAS CONDIÇÕES DOS EFECTIVOS	Port.	00:02:16	Educação	reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem
Bloco 2	17	IRSEM NA LUNDA-SUL ENTREGA KITS AGRÍCOLAS AOS ASSOCIADOS PARA O FOMENTO DA ACTIVIDADE	Port	00:01:41	Trabalho	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem

Bloco 2	18	POLÍCIA NACIONAL MAIS DE 400 EX-MILITARES REFORÇAM A COORPORAÇÃO EM MALANJE	Port	00:02:17	Trabalho	Reportagem de telejornal	Sim	Obedece a ordem
Bloco 2	19	Notícias em linguas nacionais (síntese) Nyaneka	Língua africana Nyaneka	00:04:21	1 sociedade, 2 saúde; 1 economia, negócios e finanças	4 offs	Não	Não obedece a ordem
Bloco 2	20	CRIMINALIDADE POPULAÇÃO DO SAURIMO NA LUNDA-SL PEDE MAIS POLICIAMENTO DE PROXIMIDADE	Port	00:03:06	Crime, lei e justiça	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 2	21	Liamba MAIS DE UMA TONELADA E MEIA QUEIMADA EM LUANDA	Port	00:01:09	Crime, lei e justiça	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 2	22	Notícias em linguas nacionais em Ngangela (síntese)	Língua africana Ngangela	00:04:49	1 sociedade, 2 saúde; 1 economia, negócios e finanças	4offs	Não	Não obedecem a ordem
Bloco 2	23-26	COMPACTO INTERNACIONAL ;:APLICATIVO REVISTA DE IMPRENSA APLICATIVO TRÂNSITO APLICATIVO TEMPO	Port	00:00:00			Não	Consta no alinhamento, mas não foram emitidas
Bloco 3	27	CRIANÇAS MAIS CARENTES DA QUIÇAMA DOAÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR ALIVIA OS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO	Port	00:03:35	Educação	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 3	28	EMPREENDEDORISMO FEMININO HISTÓRIA DE TRÊS MULHERES QUE COM PEQUENOS NEGÓCIOS HOJE SÃO EMPRESÁRIAS EM NDALATANDO	Port	00:03:34	Economia, negócios e finanças	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece
Bloco 3	29	AUSCULTAÇÃO DA JUVENTUDE ACESSO AO 1º	port	00:02:08	Sociedade	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem

		EMPREGO E FORMAÇÃO DOMINARAM O ENCONTRO NO CUANZA-NORTE						
Bloco 3	30	CAFÉ GINGA 100% ANGOLANA E MAIS CONSUMIDO E PROCURADO	Port	00:02:09	Economia, negócios e finanças	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 3	31	PROJECTOS COMUNITÁRIOS ORG PORTUGUESA AJUDA FORMAÇÃO DE JOVENS E CRIANÇAS EM BENGUELA	Port	00:03:24	Interesse humano	Reportagem de telejornal	Não	Obedece a ordem
Bloco 3	32	FUNDO DE GARANTIA DE AUTOMÓVEL CRESCE O NÚMERO DE PESSOAS QUE NÃO PAGAM O SEGURO NO BENGO	Port	00:02:28	Economia, negócios finanças	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 3	33	Noticias em línguas nacionais, Cokwe (sintese)	Lingua africana, Cokwe	00:03:51	1 sociedade ,2 saúde ; 1 economia,negóci os e finanças	4 offs	Não	Não obedece a ordem
Bloco 3	34-37	COMPACTO internacional; aplicativo revista de imprensaaplicativo transito aplicativo aplicativo tempo		00:00:00			Não	Consta no alinhamento, mas não foram exibidas
Bloco 4	38	MALNUTRIÇÃO INQUENTA REGISTOS DIÁRIOS NO HOSPITAL PEDIÁTRICO DO SUMBE, CUANZA-SUL	Port	00:02:36	Saúde	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 4	39	SARAU CULTURAL HOMENAGEIA FEITOS DOS HERÓIS DO 4 DE FEVEREIRO	Port	00:03:01	Artes, cultura e entretenimento	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 4	40	CARNAVAL 2019 GRUPOS NO CUANZA-SUL SEM APOIOS	Port	00:02:47	Artes, culrutura e entreteement o	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem

		PARA DESFILE PROVINCIAL						
Bloco 4	41	COMBOIO JÁ CIRCULA ENTRE CUITO E LUENA	Port	00:01:39	Sociedade	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 4	42	PASSAGEIROS DO MOXICO PEDEM CONSTRUÇÃO DE ESTRADA PARALELA AO CFB	Port	00:01:04	Sociedade	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 4	43	TRANSPORTES PÚBLICOS COBREM APENAS 15% DA POPULAÇÃO DE LUANDA (Port	00:03:03	Sociedade	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 4	44	CAXITO-AMBRIZ VIAGEM DURA 1 HORA	Port	00:02:07	Sociedade	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 4	45	PLANO DE MOBILIDADE PODE REDUZIR NÚMERO DE REGULARES DE TRÂNSITO NAS RUAS	Port	00:03:32	Sociedade	Reortagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 4	46	Noticias em Linguas nacionais, Fiote (sintese)	Lingua africana Fiote	00:04:39	1 sociedade, 2 saúde; 1 economia, negócios e finanças	4 offs	Não	Não obedece a ordem
Bloco 4	47-50	COMPACTO INTERNACIONAL APLICATIVO REVISTA DE IMPRENSA APLICATIVO TRÂNSITO APLICATIVO TEMPO.	Port	00:00:00			Não	Consta no alinhamento, mas não foram emitidas
Bloco 5	51	PARCERIAS PÚBLICO-PRIVADAS PODEM SER SOLUÇÃO PARA CRESCIMENTO ECONÓMICO DO PAÍS	Port	00:06:37	Economia, negocios finanças e	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 5	52	INVASÃO DE TERRENOS COM DIAS CONTADOS EM VIANA FISCAIS ENVOLVIDOS NA VENDA ILEGAL SERÃO	Port	00:01:36	Disturbios	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem

		RESPONSABILIZA DOS CRIMINALMENT E						
Bloco 5	53	CIMENTO MAIS DE 30 MIL TONELADAS SEM CLIENTES NO SUMBE	Port	00:02:04	Economia, negocios e finanças	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 5	54	Noticias em linguas nacionais Oshiwambo (síntese)	Lingua africana Oshiwambo	00:02:36	1 sociedade, 2 saúde; 1 economia, negóci os e finanças	Reportagemde telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 5	55	ÉBOLA REFORÇO DE MEDIDAS DE BIOSSEGURANÇ A NO ZAIRE	Port	00:02:09	Saude	Reportagemde telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 5	56	BAIA DO PORTO do namibe projecto de integrado arranca em agosto e termina em 2022	Port	00:03:02	Economia, negócios e finanças	Reportagem de teleornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 5	57	AQUICULTURA A LTA DE INCENTIVOS CONDICIONA FOMENTO DA ACTIVIDADE NO HUAMBO	Port	00:02:09	Economia, negócios e finanças	Reportagem de teleornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 5	58-61	COMPACTO INTERNACIONA L APLICATIVO REVISTA DE IMPRESA PLIC ATIVO TRÂNSITO PLIC ATIVO TEMPO	Port	00:00:00			Não	Consta no alinhament o, mas não foram exibidas
Bloco 6	62	DESMINAGEM DESTRUIÇÃO DE DIVERSOS MATERIAIS DE GUERRA NO MOXICO	Port	00:02:34	Guerra e paz	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 6	63	COMUNIDADE DA HUPA EM PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA HUÍLA	Port	00:01:54	Sociedade	Reortagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 6	64	AGRICULTURA DOAÇÃO DE MATERIAL AGRÍCOLA AOS JOVENS DA QUIÇAMA	Port	00:02:24	Trabalho	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem

Bloco 6	65	Notícias em linguas nacionais (síntese) Umbundu	Lingua africana Umbundu	00:04:24	1 sociedade, 2 saúde; 1 economia, negócios e finanças	4 offs	Não	Não obedecem a ordem
Bloco 6	66	HOSPITAL CENTRAL DO LUBANGO AUMENTA O NÚMERO DE DOENTES ABANDONADOS PELOS FAMILIARES	Port	00:02:01	Saude	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 6	67	MALNUTRIÇÃO INQUENTA REGISTOS DIÁRIOS NO HOSPITAL PEDIÁTRICO DO SUMBE, CUANZA-SUL	Port	00:02:36	Saúde	Reportagem de telejornal	Não	Não obedece a ordem
Bloco 6	68	SARAU CULTURAL HOMENAGEIA FEITOS DOS HERÓIS DO 4 DE FEVEREIRO	Port	00:03:01	Artes, cultura e entretenimento	Reportagem de telejornal	Não	Não obedecem Ordem
Bloco 6	69	CARNAVAL 2019 GRUPOS NO CUANZA-SUL SEM APOIOS PARA DESFILE PROVINCIAL	Port	00:02:47	Artes, cultura e entretenimento	Reportagem de telejornal,	Não	Não obedecem a ordem
Bloco 6	70	Compacto internacional	Port	00:03:09	1 guerra e paz; crime lei e justiça ,1 religiao; artes, cultura e entretetenimento	4 offs	Não	Não obedece a ordem
Bloco 6	71 -73	APLICATIVO REVISTA DE IMPRENSA; 1 APLICATIVO TRÂNSIT; APLICATIVO TEMPO	Port	00:00:00	00:00:00		Não	Consta no alinhamento, mas não foram exibidas